

Revista Adventista

SEMANA DE ORAÇÃO E SACRIFÍCIO

(13 A 20 DE NOVEMBRO DE 1954)

AOS PASTORES E AOS ANCIÃOS

Há mais dum século que a mensagem adventista tem feito soar através dos anos que: «Jesus volta». Os sinais que se multiplicam atestam que esse grande acontecimento em breve se dará. «O tempo de demora está quase terminado. Os peregrinos e os estrangeiros, que há tanto tempo procuram uma melhor pátria, estão quase lá. Eu sinto que devo gritar bem alto: «Dirijamo-nos para casa!»! Aproximamo-nos rapidamente do tempo em que Cristo vai voltar para reunir a Ele os Seus remidos.» — Review and Herald, Nov. 13, 1913.

Nunca antes houve tanto receio e ansiedade. Os tempos são, com efeito, soles e portentosos. A serva do Senhor deunos uma descrição precisa destes dias. Ela disse: «As agências do mal estão reunindo as suas forças e consolidando-se. Estão ganhando força para a última grande crise. Grandes mudanças se darão em breve no mundo, e os movimentos finais serão rápidos.» — Testemunhos Selectos, V, p. 189.

Numa tal hora, quão justificável é que a igreja remanescente marque uma semana para comunhão especial com Deus. Hoje as palavras do profeta Joel vêm como um chamado de Deus: «Tocai a buzina em Sião. santificai um jejum, proclamai um dia de proibição. Congregai o povo, santificai a congregação, ajuntai os anciãos, congregai os filhinhos, e os que mamam... Chorem os sacerdotes, ministros do Senhor, entre o alpendre e o altar, e digam: Poupa o Teu povo, ó Senhor, e não en-

tregues a Tua herança ao opróbrio, para que as nações façam escárneo dele» (Joel 2:15-17).

Durante esta semana devíamos procurar Deus com todo o nosso coração. «Eis que a mão do Senhor não está encolhida, para que não possa salvar; nem o Seu ouvido agravado, para não poder ouvir» (Is. 59:1). Nunca para Ele houve uma crise demasiado grande. Embora nos possamos encontrar em apertos e no meio de dificuldades para além das nossas forças humanas, podemos saber que Deus é quem está dirigindo e quem está sempre pronto a ouvir os clamores fervorosos dos Seus filhos, quando procuram a Sua face. Ele responderá às nossas preces e descobrirá o Seu santo braco, ao trazer libertamento aos Seus escolhidos.

Esperamos que os nossos anciãos das igrejas e pastores farão tais planos que todos os membros da igreja possam tomar parte nas bênçãos da semana. De modo nenhum esqueçais as crianças. Receberão uma bênção especial, se planos forem feitos para reuniões separadas, ou na escola da igreja ou noutra lugar, para jovens e crianças.

Exemplares extras deste número da Revista devem ser fornecidos aos não assinantes, a fim de que todos possam ter acesso às suas leituras. Os que forem encarregados de lerem as mensagens à igreja, devem ler distintamente e com expressão, de forma que o sentido se torne claro. Em todas as reuniões da semana, tempo bastante deve ser destinado para

a oração e testemunhos. É acima de tudo uma semana de oração.

No princípio da semana de oração, a oferta anual deve ser anunciada para o sábado seguinte. Pela oferta, todos os membros da igreja podem ter uma parte no sacrifício de dar e partilhar nas bênçãos que são dadas àqueles que com amor desinteressado participam com os outros não só no culto e louvor, mas também no dar de seus meios para a causa de Deus, nesta hora final de oportunidade, antes que as portas se fechem para sempre.

Talvez não possamos trabalhar muito mais tempo sob condições tão favoráveis como o fazemos actualmente. Já as portas se fecham em muitos países. Portanto, oremos para que o Deus da seara mantenha abertas as portas e multiplique os nossos recursos que lhe possamos trazer, a fim de que a grande tarefa, ainda por terminar, e que está diante de nós, seja realizada antes que seja demasiado tarde para sempre.

CONSELHO DA CONFERÊNCIA GERAL

(Leitura para Sábado, 13 de Novembro de 1954)

«COMO O LADRÃO DE NOITE»

Por W. H. BRANSON

«Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite.» (2 Pedro 3:10).

Jesus vai voltar muito brevemente.

Tudo no mundo claramente indica que a Sua segunda vinda pessoal à terra está muito próxima. Ele está mesmo às portas.

Mas o mundo não O espera. Ele virá como um ladrão. Enquanto os homens comem e bebem; casam e dão-se em casamento; enquanto constroem grandes edifícios e fazem grandes planos para o futuro, Ele aparecerá.

Somos advertidos de que «um grande terror há-de sobrevir em breve aos seres humanos. O fim está *muito próximo*. Nós que conhecemos a verdade, devemos estar-nos preparando para o que em breve há-de desencadear-se sobre o mundo, como uma *esmagadora surpresa*.» *Test. Select.* v. 5, pág. 121.

Amargurado será o clamor quando os ímpios e os perdidos da terra contemplarem Cristo, vindo sobre as nuvens do céu com todos os Seus anjos. Os ricos lançarão o seu ouro e a sua prata às toupeiras e aos morcegos. (Ver Is. 2:20). «Ali haverá pranto e ranger de dentes» (Mat. 13:42). Então «todas as tribos da terra se lamentarão, e verão o Filho do Homem, vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória.» (Mat. 24:30).

O segundo advento será a causa de temor e horror universal entre os ímpios

habitantes da terra. Ouviram o aviso dado pela igreja, mas não lhe deram crédito. Rejeitaram a oferta de misericórdia da parte de Deus e recusaram deixar-se influenciar por ela. Agora são apanhados de surpresa. Que poderão fazer? Como loucos correrão dum lado para o outro para encontrar abrigo. Eles procuram desesperadamente esconder-se da face de Jesus à medida que se aproxima da terra.

«Eles dirão às montanhas e às rochas: «Caí sobre nós, e escondei-nos do rosto d'Aquêle que está assentado sobre o trono, e da ira do Cordeiro.» (Apoc. 6:16).

As cenas que ocorrerão nesse tempo são gráficamente descritas pelo antigo profeta Sofonias ao dizer:

«O grande dia do Senhor está perto, está perto, e se apressa muito a voz do dia do Senhor; amargamente clamará ali o homem poderoso. Aquêle dia é um dia de indignação, dia de angústia e de ânsia, dia de alvoroço e de desolação, dia de trevas e de escuridão, dia de nuvens e de densas trevas. Dia de buzina e de alarido contra as cidades fortes e contra as torres altas. E angustiarei os homens, e eles andarão como cegos, porque pecaram contra o Senhor; e o seu sangue se derramará como pó, e a sua carne como esterco. Nem a sua prata nem o seu ouro os poderá livrar no dia do furor do Senhor, mas pelo fogo do seu zelo toda esta terra será con-

sumida, porque certamente fará de todos os moradores da terra uma destruição total e apressada.» (Sofonias 1:14-18).

«O dia do Senhor aproxima-se apressadamente; mas os chamados grandes e sábios não conhecem os sinais da vinda de Cristo ou do fim do mundo. A iniquidade abunda e o amor de muitos esfriará.

«Há milhares e milhares, milhões e milhões, que estão agora a fazer a sua decisão para a vida ou para a morte eterna. O homem que está inteiramente absorvido nos seus negócios, o homem que encontra prazer à banca do jogo, o homem que se delicia com o apetite pervertido, o amante dos prazeres, os frequentadores do teatro e dos bailes, põem fora dos seus planos a eternidade. Toda a preocupação da sua vida é: Que comeremos? que beberemos? e com que nos vestiremos? Não se encontram no cortejo que marcha para o céu. Eles são conduzidos pelo grande apóstata, e com ele serão destruídos.

«A não ser que compreendamos a importância dos momentos que estão passando velozmente para a eternidade, e facamos a preparação para resistir no grande dia de Deus, seremos mordomos infelizes. A sentinela deve reconhecer a vigília da noite. Tudo se encontra envolto numa solenidade, que todos os que crêem na verdade para este tempo devem reconhecer. Devem agir em relação ao dia de Deus. Os juízos de Deus estão prestes a cair sobre o mundo e precisamos estar preparados para esse grande dia.

«O nosso tempo é precioso. Temos apenas alguns dias de provação em que nos podemos apressar para o futuro, para a vida imortal. Não temos tempo a desperdiçar em movimentos incertos...

«O restrito Espírito de Deus mesmo agora está sendo retirado do mundo. Tornados, vendavais, tempestades, fogo e inundações, desastres por mar e terra, seguindo-se em sucessão rápida. A ciência procura explicar tudo isto. Os sinais adensam-se em torno de nós, falando-nos da proximidade da volta do Filho de Deus, e são atribuídos a uma outra causa menos verdadeira. Os homens não discernem os anjos sentinelas, que retêm os quatro ventos para que não assoprem até que os servos de Deus tenham sido selados, mas quando Deus ordenar aos Seus anjos de soltar os ventos, haverá uma tal cena de luta como nenhuma pena a pode descrever.» — *Test. v. 6, pp. 406-408.*

Filhos da Luz

Haverá, porém, aqueles que não serão tomados de surpresa. Estarão prontos e esperano pela vinda de Cristo. Ouviram a mensagem de advertência de Deus e aceitaram-na nos seus corações. As suas vidas foram transformadas por ela e vivem em constante expectativa da volta do Senhor. São destes que o apóstolo fala, quando diz:

«Mas, irmãos, acerca dos tempos e das estações, não necessitais de que se vos escreva; porque vós mesmos sabeis muito bem que o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; pois que, quando disserem: Há paz e segurança; então lhes sobrevirá repentina destruição, como as dores de parto àquela que está grávida; e de modo nenhum escaparão. Mas vós, irmãos, já não estais em trevas, para que aquele dia vos surpreenda como um ladrão; porque todos vós sois filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite nem das trevas. Não durmamos pois, como os demais, mas vigiemos, e sejamos sóbrios.» (I Tess. 5:1-6).

Estes filhos da luz compreendem a multidão dos que, na vinda de Cristo, rejubilarão, porque «naquele dia se dirá: Eis que este é o nosso Deus, a quem aguardávamos, e Ele nos salvará; este é o Senhor a quem aguardávamos; na Sua salvação gozaremos e nos alegraremos.» (Is. 25:9).

Que maravilhoso será estar nesse dia debaixo da sombra protectora do Altíssimo: olhar para a face amorosa de Jesus e ver o sorriso das Suas boas-vindas.

Aos que O esperam Ele dirá: «Vinde benditos de meu Pai, possui por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo.» (Mat. 25:34). Então «Ele enviará os seus Anjos com rijo clamor de trombeta, os quais ajuntarão os Seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus.» (Mat. 24:31).

Mas alguns, mesmo na igreja, não estarão prontos. Disse a serva do Senhor: «Muitos esperam a vinda do Senhor para um tempo ainda muito distante. O tempo tem-se prolongado mais alguns anos do que esperavam: por isso pensam que pode prolongar-se por mais alguns anos, e desta maneira as suas mentes têm-se desviado da verdade presente para as coisas do mundo. Nestas coisas eu vi grande perigo.» — *Early Writings, p. 58.*

Sem dúvida este é o maior perigo que a igreja enfrenta hoje. Já «maus servos» se encontram na igreja, os quais dizem: «O meu Senhor tarde virá». Já não vigiam nem O esperam mais. Eles também se tornaram filhos das trevas e não da luz. Para estes também a vinda de Cristo será uma surpresa esmagadora — como um ladrão de noite.

Quão fervorosamente o Senhor suplica ao Seu povo de vigiar e de se aprontar! Disse Jesus: «Por isso, estai vós apercebidos também; porque o Filho do Homem há-de vir à hora em que não penseis» (Ma. 24:44). E outra vez Ele suplica: «E olhai por vós, não aconteça que os vossos corações se carreguem de glotonaria, de embriaguez, e dos cuidados da vida, e venha sobre vós de improviso aquele dia. Porque virá como um laço sobre todos os que habitam na face de toda a terra. Vigiai pois em todo o tempo, orando, para que sejais havidos por dignos de evitar todas estas coisas, que não-de acontecer, e de estar em pé diante do Filho do Homem» (Luc. 21:34-36).

«O fim está perto, aproximando-se furtivamente, imperceptivelmente, como o silencioso aproximar de um ladrão de noite. Conceda o Senhor que não fiquemos por mais tempo a dormir, como fazem os outros, mas que vigiemos e sejamos sóbrios. A verdade há-de em breve triunfar gloriosamente, e todos quantos agora escolhem ser cooperadores de Deus, com Ele triunfarão. O tempo é curto; vem logo a noite, em que homem algum pode trabalhar. Que os que agora se estão regozijando na luz da verdade presente se apressem em comunicá-la aos outros. O Senhor está indagando: 'A quem enviarei?' Os que desejam fazer sacrifício pela causa da verdade devem agora responder: 'Eis-me aqui, envia-me a mim'» (Is. 6:8). — *Test.*, v. 5, p. 270.

Se Cristo Viesse Esta Noite

Irmãos e irmãs da fé adventista, que se passa convosco nesta semana de oração? Credes no vosso íntimo que Jesus vem muito breve, e estais vigiando em oração pela Sua vinda? É para vós a Sua vinda uma «bem-aventurada esperança»? Estais hoje vivendo a vossa vida inteiramente de harmonia com a vossa fé, de que em breve, muito breve, vais vê-lo quando vier? Estais prontos? Se fosse hoje, poderias

encontrá-lo com fé e alegria, e sem temor?

Nós que nos encontramos agora mesmo no lumiar do mundo eterno devíamos viver cada dia como se soubessemos que era o último; como se esperássemos plenamente que hoje ou amanhã Ele viesse.

Não sabemos o dia nem a hora, mas sabemos que Ele está perto, mesmo às portas. Os Seus sinais têm sido demonstrados. Todas as especificações da profecia têm sido cumpridas na história, e agora o acontecimento máximo está a seguir. Devemos estar preparados diariamente e a todas as horas. «porque o Filho do Homem há-de vir à hora em que não penseis».

O Mestre Vem

«Vigiai pois, porque não sabeis quando virá o Senhor da casa; se à tarde, se à meia noite, se ao cantar do galo, se pela manhã. Para que vindo de improviso, não vos ache dormindo. E as coisas que vos digo digo-as a todos: Vigiai» (Marc. 13:35-37).

A história é contada que nos altos planaltos escarpados da Suíça, junto a um lago de espelho, rodeado de montes revestidos de neve, e longe dos caminhos percorridos pelos turistas, um solitário viajante encontrou-se súbita e inesperadamente numa propriedade bela e bem cuidada.

Ao entrar nos terrenos meticulosamente trabalhados, o viajante encontrou-se com o guarda que o levou a ver os extensos jardins encantadores e cobertos de flores.

«Está o seu patrão aqui durante o ano?», perguntou o viajante.

«Não, ele está fora», respondeu-lhe o jardineiro.

«Há quanto tempo se foi ele embora?»

«Faz agora cerca de vinte anos», respondeu o guarda.

«Suponho que recebe frequentemente notícias dele?», continuou o inquiridor.

«Nem uma só vez me escreveu.»

«Então de quem recebe o seu salário?»

«Do procurador do meu patrão», disse o jardineiro.

«Vem o procurador muitas vezes vê-lo para dizer o que deve fazer?», perguntou o estranho.

«Não, ele nunca aqui esteve tão pouco.»

«Mas, por favor, diga-me quem vem inspecionar os trabalhos?»

«É muito raro que alguém aqui venha, visto estar tão longe do caminho», continuou o bondoso guarda.

Para o viajante isto era difícil de compreender. A sua dúvida e incompreensão foram satisfeitas pela observação seguinte.

«E contudo tem cuidado dos jardins, sim, todos os recortes e cantos de toda a propriedade em tão perfeita ordem! Tudo se apresenta como se esperasse o seu patrão amanhã.»

«Amanhã não, mas hoje, Senhor. Eu

cuido de tudo como se ele viesse hoje», disse o fiel jardineiro.

Da mesma forma devíamos estar preparados diariamente e a toda a hora para a vinda de Jesus.

Irmãos e irmãs, façamos desta Semana de Oração uma ocasião de preparação real e completa para a Sua vinda. Confessemos todos os nossos pecados, renunciemos a todo o mau hábito, e submetamos as nossas vidas inteiramente à direcção do Espírito Santo. Depois vamos ter com os outros a toda a parte e convidemo-los a unirem-se a nós na preparação para a Sua vinda.

(Leitura para Domingo, 14 de Novembro de 1954)

«Que haja em vós a mesma mente»

Por A. H. RULHOETTER

«A mente é a capital do corpo». É possível a mente ser escrava do corpo, mas a verdadeira relação estabelecida por Deus é que todos os órgãos humanos devem servir a mente. A direcção dada à mente determina o curso da vida da pessoa e, finalmente, o seu destino. É na mente que todas as nossas acções têm a sua origem. É com a mente que os homens mantêm a comunhão com Deus. À luz destes factos, podemos compreender mais claramente o sentido da admoestação de Paulo: «Que haja em vós a mesma mente, que houve também em Cristo Jesus» (Fil. 2:5). Ainda «que nasceu da descendência de David segundo a carne» (Rom. 1:3) e «que em tudo fosse semelhante aos irmãos» (Heb. 2:17), Jesus não escolheu reter a mente carnal. Ao sermos encorajados a possuir a mente de Cristo, somos confrontados com dois factos. Normalmente o homem não possui a mente de Cristo. É-lhe contudo acessível, e sobre ele repousa a oportunidade e a responsabilidade de a receber.

A Mente Natural

Por natureza a mente humana é carnal. «Porquanto a mente carnal é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser»

(Rom. 8:7). Esta Escritura não diz que o homem *está* em inimizade contra Deus, mas que ele *é* inimizade contra Deus. Assim como Deus é a personificação da verdade e não pode ser outra coisa, assim o homem no seu estado decaído é a personificação da inimizade, e por si mesmo não pode ser outra coisa. Não está ao alcance do poder humano ajustar, renovar, ou mudar a sua mente. O homem está alienado de Deus e é um inimigo por sua mente.

Que o poder que dirige a mente dirige o ser inteiro é evidente na seguinte passagem do Apocalipse 17:13: «Estes têm uma mesma mente, e entregarão o seu poder e autoridade à besta.» Os poderes apóstatas são um na mente com a besta, e consequentemente entregam a força e o seu ser a esse poder. Um outro exemplo é o dos dois demoníacos de Gadara. Quando Cristo se apresentou diante deles, eles estavam obscuramente cónscios de se encontrarem na presença d'Aquêle que os podia ajudar, «mas, ao abrirem-se-lhes os lábios para suplicar-Lhe a misericórdia, os demónios falaram por eles.» — *Desejado de Todas as Nações*, p. 250. Nós lemos que em ligação com o seu libertamento por Jesus «maravilhosa mudança se operara nos possessos. Fizera-se-lhes luz na mente.

Brilharam-lhes os olhos de inteligência. A fisionomia, por tanto tempo mudada à semelhança de Satanás, tornara-se repentinamente branda... e louvaram a Deus por sua libertação.» — *Idem*. As suas mentes e corpos funcionavam juntos. Pela sua experiência, é evidente que o reino de Satanás é de força, e, quando se lhe é dada a oportunidade, ele toma posse completa da pessoa. É-nos dito que nos dias de Cristo «agentes satânicos estavam incorporados com os homens. O corpo de criaturas humanas, feito para habitação de Deus, tornara-se morada de demónios. Os sentidos, os nervos, as paixões, os órgãos dos homens eram, por agentes sobrenaturais, levados a condescender com a concupiscência mais vil.» — *Idem*, p. 26. Quando se lhe é dada a oportunidade, Satanás enfraquece o corpo, obscurece a mente, e rebaixa a alma.

A Relação entre a Mente e o Corpo

Entre a mente e o corpo há uma relação misteriosa e íntima. Reagem prontamente um sobre o outro. De *A Ciência do Bom Viver* compreendemos que «o corpo é o único agente pelo qual a mente e a alma se desenvolvem para a edificação do carácter. Daí o adversário das almas dirigir as suas tentações para o enfraquecimento e degradação das faculdades físicas. O seu êxito neste ponto importa na entrega de todo o corpo ao mal. As tendências da nossa natureza física, a menos que estejam sob o domínio de um poder mais alto, hão-de operar por certo ruína e morte.» — *Ciência do Bom Viver*, p. 107.

Operando através de canais físicos, Satanás procura assegurar o controle da mente e eventualmente de toda a pessoa. Estamos avisados que uma das suas principais avenidas é o apetite: «Satanás tem vencido os seus milhões, tentando-os a condescender com o apetite. Pela satisfação do gosto, o sistema nervoso excita-se, e o poder mental, enfraquecido, torna impossível a uma pessoa pensar calma e racionalmente. A mente está desequilibrada. As suas mais elevadas e nobres faculdades são pervertidas para servir a concupiscência animal, e os interesses sagrados e eternos não são considerados.» — *Test.*, v. 4, p. 44. Assim vemos que Satanás opera pelo corpo para dirigir a mente e escravizar a pessoa. Contrariamente, Deus opera pela mente para dirigir as

faculdades físicas e restaurar a imagem de Deus na pessoa.

No Seu ministério, Jesus «falou a cada mente.» — *Education*, p. 231. Os seus convites de apelo, «Dá-me o teu coração», e «Todos os que quiserem», são dirigidos à mente. Deus nunca emprega um método subversivo para deprimir as forças físicas, como meio de alcançar a pessoa. É com a mente que servimos a Deus. É a capital do corpo que Deus envia o Seu embaixador, o Espírito Santo, e ali Ele insiste com o indivíduo. Na obra do Espírito Santo há apelo poderoso, mas não coerção. «Não há constrangimento na obra da redenção. Não se exerce nenhuma força externa. Sob a influência do Espírito de Deus, o homem é deixado livre para escolher a quem há-de servir.» — *D. T. D.*, p. 350.

Fora de Cristo, porém, não há verdadeira liberdade para exercer os poderes da mente. «Toda a alma que recusa entregar-se a Deus, acha-se sob o domínio de outro poder. Não pertence a si mesma. Pode falar de liberdade, mas está na mais abjecta servidão. Não lhe é permitido ver a beleza da verdade, pois a sua mente se encontra sob o poder de Satanás.» — *Idem*. Sob a influência subtil e poderosa de Satanás, a mente torna-se a incubadora do pecado. Tal era a condição prevalecente nos dias de Noé. As mentes dos homens estavam continuamente cheias de maus pensamentos. Mas quando alguém possui a mente de Cristo, esta condição deplorável é mudada completamente. Ele é habilitado, pelo poder do Espírito Santo que nele habita, a tornar-se poderoso «em Deus, para destruição das fortalezas; destruindo os conselhos, e toda a altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo o entendimento à obediência de Cristo» (II Cor. 10:4,5). Neste conflito todo o pensamento, toda a ideia, toda a sugestão, é examinada e rejeitada a não ser que esteja em harmonia com a justiça de Cristo. O pensamento impuro e baixo não pode ser retido sem sérias consequências.

O Pensamento, uma Forma da Conduta

Mesmo embora o pensamento não produza o acto, se for acarinhado, é reconhecido por Deus como uma forma da conduta. Acarinhar cinco minutos o pensa-

mento pecaminoso é passar cinco minutos em vida pecaminosa. Salomão compreendeu este princípio, porque declarou que o homem é o que ele pensa no seu coração. No Sermão da Montanha, o nosso Salvador tornou esta verdade fundamental mais enfática, quando revelou que, aos olhos de Deus, um pensamento impuro é comparado a um acto impuro. Alimentar um pensamento pecaminoso é pecar. Na vida cristã não há zona crepuscular de pensamento, nem área intermediária que seja sem importância. Quando «Sara riu-se consigo» perante a promessa de Deus de um filho, foi interpretado por Deus como uma falta.. (Gen. 18:12,13). Nós, porém, não somos tidos como responsáveis por todo o pensamento mau que entre na mente. É pelo pensamento mau acarinhado que somos responsáveis. Tais pensamentos indicam que o pecado ainda domina na vida. Pensar no mal não só adversamente afecta o indivíduo, como também tem um efeito prejudicial sobre a obra de Deus. «Não é a oposição do mundo, o que mais faz perigar a igreja de Cristo. É o mal acariciado no coração dos crentes, o que opera seu mais grave dano, e que com maior segurança retarda o progresso da causa de Deus.» — *Acts of the Apostles*, p. 549. Se Deus não tivesse intervindo maravilhosamente, a seguir à queda do homem, toda a família humana ter-se-ia oposto a Deus.

A Nova Inimizade Prometida

A inimizade prometida por Deus em Génesis 3:15 é uma inimizade contra o pecado e não a inimizade da mente carnal contra Deus. Isto é claramente descrito na seguinte citação:

«Não existe, por natureza, nenhuma inimizade entre o homem pecador e o originador do pecado... Se Deus não se houvesse interposto, de maneira especial, Satanás e o homem teriam entrado em aliança contra o Céu; e, ao invés de alimentar inimizade contra Satanás, toda a família humana se teria unido em oposição a Deus... Mas quando Satanás ouviu a declaração de que existiria inimizade entre ele e a mulher... compreendeu que os seus esforços para depravar a natureza humana seriam interrompidos; que por algum meio o homem seria habilitado a resistir ao seu poder...

«É a graça que Cristo implanta na alma,

que cria no homem a inimizade contra Satanás. Sem esta graça que converte, e este poder renovador, o homem continuaria cativo de Satanás, como servo sempre pronto a executar-lhe as ordens. Mas o novo princípio na alma cria o conflito onde até então houvera paz. O poder, que Cristo comunica, habilita o homem a resistir ao tirano e usurpador. Quem quer que se ache a aborrecer o pecado em lugar de o amar, que resista e vença a essas paixões que têm dominado interiormente, evidencia a oposição de um princípio inteiramente de-cima.» — *Conflito dos Séculos*, pp. 505, 506.

Desde que a inimizade contra o pecado traz uma nova atitude e novo estado de mente para com Deus, e desde que a santidade de carácter é obtida só pela renúncia ao eu e pela aceitação da mente de Cristo, de que maneira pode esta mente ser recebida, desenvolvida e retida?

A Mente de Cristo

Sob o novo concerto, quando o homem nasce de novo, Deus dá-lhe uma nova mente em que coloca a Sua lei. Esta transacção é belamente expressa sob o símbolo da vinha e das varas:

«O renovo é enxertado na videira viva e, fibra por fibra, veia por veia, imerge no tronco. A vida da videira torna-se a vida do ramo. Assim a alma em ofensas e pecados recebe vida mediante a ligação com Cristo. Pela fé n'Ele, como Salvador pessoal, forma-se esta união. O pecador une a sua fraqueza à força de Cristo, seu vaziu à plenitude d'Ele, sua fragilidade à perdurável resistência do Salvador. Assim ele possui a mente de Cristo.» — *D. T. N.*, p. 504.

Notai as bênçãos que se sucedem quando a mente de Cristo é recebida: «Quando Ele vos dá a mente de Cristo, a vossa vontade torna-se a Sua vontade, e o vosso carácter é transformado à semelhança do carácter de Cristo.» — *Test.*, vol. 5, p. 515. A mente de Cristo, dada no novo nascimento, é colocada no velho corpo. Esta condição implica conflito. A natureza pecadora, com os seus desejos e tendências, exige constante expressão, mas, pela graça de Deus, a nova mente exerce controle. É esta luta que Paulo com tanta precisão descreve em Romanos 7:21-24:

«Acho então esta lei em mim; que, quando quero fazer o bem, o mal está co-

migo. Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus; mas vejo nos meus membros outra lei, que batalha contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros. Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?»

Este texto significa que nos membros do seu corpo a lei do pecado estava constantemente batalhando contra a lei de Deus, escrita na mente de Paulo.

Deste conflito não há completa e permanente libertação até à ressurreição, tempo em que «isto que é corruptível se revestir da incorruptibilidade.» (I Cor. 15:54). Nesta vida a batalha continua mas não com derrota. Assim como a ressurreição é uma certeza por Jesus Cristo, assim também agora, pela Sua graça, com a mesma certeza, temos a vitória sobre a natureza pecadora. Para ter esta experiência, Paulo achou necessário morrer diariamente às exigências da sua carne, à medida que prosseguia «para o alvo, pelo prémio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus» (Fil. 3:14).

Devemos encontrar conforto e certeza desta sua declaração: «Portanto agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito. Porque a lei do espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte» (Rom. 8:1, 2). Quão misericordioso, quão bondoso, quão poderoso para salvar, é o nosso Pai celeste! Ele compreende os fracassos da carne pecadora e não apresenta nenhuma condenação, para os que estão em Cristo Jesus, se eles andarem segundo o espírito e não segundo a carne.

A mente de Cristo pode ser nossa desde o momento do novo nascimento em diante, mas tem de ser alimentada. Da seguinte

declaração no *Desejado de Todas as Nações* pode ser observado que Deus planeou as coisas de tal maneira que o alimento que fortalece o espiritual, ao mesmo tempo enfraquece e destrói o carnal. «Ao alimentarem-se da Sua palavra, acharão que ela é espírito e vida. A palavra destrói a natureza carnal, terrena, e comunica nova vida em Cristo Jesus». — *D. T. N.*, p. 290. A mente, porém, deve ser conservada em estado de saúde. Não se deve permitir que ela se torne frouxa e desimportada. O conselho de Pedro é: «cingindo os lombos do vosso entendimento» (I Pedro 1:13).

A mente de Cristo traz paz, dá santo propósito às nossas acções, e activa as faculdades do nosso ser. Ainda da pena inspirada, vem esta certeza:

«A paz da mente, que emana de puros e santos motivos e acções, formará uma fonte livre e vigorosa a todos os órgãos do corpo. Paz íntima e uma consciência sem ofensa para com Deus, estimularão e darão vigor ao intelecto, como o orvalho destilado sobre a tenra planta. A vontade é então correctamente dirigida e controlada, e mais decidida, embora livre de perversidade... Quanto mais gozardes dessa paz celestial e quietude de espírito, tanto mais aumentarão. É um vivo e animado prazer que não lança as energias morais no estupor, mas desperta-as para crescente actividade.» — *Test.*, vol. 2, p. 327.

Com a mente de Cristo nada temos a desesperar, e esperamos tudo. Com a capital do corpo sob a direcção e controle do nosso bendito Salvador, podemos fazer todas as coisas por Cristo que nos fortalece. «De sorte que haja em vós a mesma mente que houve também em Cristo Jesus».

(Leitura para Segunda-feira, 15 de Novembro de 1954)

A PIEDADE PRATICANTE

«Deus agradou-se recentemente em me mostrar uma grande deficiência que existe em muitos que professam ser representantes de Cristo. Em resumo, se eles são deficientes na fé e no conhecimento da piedade vital, eles não só enganam as suas próprias almas como também revelam um

Por F. A. MOTE

fracasso na obra de apresentar todas as pessoas perfeitas em Cristo. Muitos que trazem para a verdade estão destituídos de verdadeira piedade. Poderão ter uma teoria da verdade mas não estão conver-

tidos completamente. Os seus corações são carnaís; não habitam em Cristo nem Cristo neles.» — *Test.* vol. 4, pp. 314, 315.

A citação precedente foi tirada duma allocução feita a ministros, e traz à nossa atenção um assunto muito importante que devemos considerar nesta ocasião. Nós como filhos de Deus necessitamos de melhor compreender o que significa viverem-se vidas que ao mundo demonstrem compreender alguma coisa sobre a piedade praticante. Lemos em I Tim. 4:8: «Porque o exercício corporal para pouco proveíto, mas a piedade para tudo é proveitosa, tendo a promessa da vida presente e da que há-de vir.»

«Quando Cristo é formado interiormente a esperança da glória, estareis bem equilibrados; e não sereis inconstantes, mas erguer-vos-eis a cima das influências que desanimam e desconsertam os que não estão estabelecidos em Cristo... A piedade é o fundamento da verdadeira dignidade e da integridade de carácter.» — *Counsels on Health*, p. 362.

Outra vez lemos: «O amor é a base da bondade. Não importa em que profissão for, ninguém tem amor puro para com Deus, a não ser que tenha um amor sem egoísmo para com o seu irmão. Mas nunca alcançaremos este espírito procurando amar os outros. O que se torna necessário é o amor de Cristo no coração. Quando o egoísmo é imerso em Cristo o amor brota espontaneamente. O carácter cristão completo é atingido quando o impulso para ajudar e abençoar outros brota constantemente do interior — quando o sol do céu enche o coração e é revelado no rosto.

«Não é possível para o coração em que Cristo habita ser destituído de amor. Se amamos a Deus porque Ele nos amou primeiro, amaremos todos por quem Cristo morreu. Não podemos entrar em contacto com a divindade sem estarmos em contacto com a humanidade; porque nAquele que está sentado no trono do universo a divindade e a humanidade estão ligadas. Ligados com Cristo, estamos ligados com os nossos semelhantes pelos elos de ouro da cadeia do amor. Então a piedade e a compaixão se revelarão na nossa vida. Não esperamos que os necessitados e os infelizes sejam trazidos até nós. Não será necessário que insistam connosco para sentirmos os males dos outros. Será para nós tão natural ministrar aos necessitados e aos que sofrem como era para Cristo

andar a fazer o bem.» — *Christ's Object Lessons*, pp. 384, 385.

Quem é o meu próximo?

Consideremos uma fase da piedade praticante que pode ser resumida nas seguintes palavras: «Quem é o meu próximo?» Esta pergunta é tão antiga como a própria civilização e foi cuidadosamente explicada pelo nosso Salvador, na parábola do Bom Samaritano. Ele mostrou que o nosso próximo não significa simplesmente alguém da nossa igreja ou da fé a que pertencemos. Não diz respeito à raça, nem cor, nem distinção de classe. O nosso próximo é toda a pessoa que necessita do nosso auxílio. O nosso próximo é toda a alma que se encontra ferida e mal tratada pelo inimigo. O nosso próximo é todo aquele que é propriedade de Deus.

«Há aqueles que pensam que é baixaza para a sua dignidade ministrar à humanidade sofredora. Muitos olham com indiferença e desdém para os que puseram em ruínas o templo da alma. Outros desprezam os pobres por outro motivo diferente. Trabalham, como creem, na causa de Cristo, procurando alguma empresa de valor. Sentem que estão fazendo um grande trabalho e não se detêm para notar as faltas dos que estão em necessidade e angustiados. Dando andamento ao seu suposto grande trabalho, podem ao mesmo tempo estar oprimindo o pobre. Podem colocar-se em duras e probantes circunstâncias, privarem-se dos seus direitos, ou desprezarem as suas necessidades. Contudo sentem que tudo isto é justificado, porque, segundo pensam, estão avançando a causa de Cristo... Por nenhuma prática egoísta pode a causa de Cristo ser servida.» — *Idem*, pp. 382, 383.

Em volta de nós há muitas pessoas que estão esperando uma demonstração de piedade praticante nas vidas daqueles que professam ser seguidores de Cristo. Devíamos sempre lembrar-nos que há multidões em torno de nós no mundo que nunca leram a Bíblia ou ido à igreja, mas que podem ser influenciados pelas vidas piedosas daqueles que professam ser servos de Deus. Devemos ser cristãos praticantes não só na pregação e ensino da palavra, mas no prestar auxílio aos desanimados e aos que estão em necessidade. Devemos confortar os que estão tristes e lembrar-nos das viúvas e órfãos. Há os

doentes para ser visitados, os necessitados para serem cuidados, os famintos para serem alimentados e os nus para serem vestidos. Estas e muitas outras coisas, quando realizadas pelos cristãos, revelam aos que nos cercam que vivemos vidas de piedade praticante e que somos cristãos genuínos.

«Porventura não é este o jejum que escolhi? que soltes as ligaduras da imoiedade, que desfaças as ataduras do jugo? e que deixes livres os quebrantados, e despendaças todo o jugo? Porventura não é também que remantas o teu não com o famiento e recolhas em casa os nobres desterrados? e, vendo o nu, o cubras, e não te escondas da tua carne? Então romperá a tua luz como a alva, e a tua cura apressadamente brotará, e a tua justiça irá adiante da tua face, e a glória do Senhor será a tua refreguanda. Então chamarás e o Senhor te responderá: ouvirás e Ele dirá: Eis-me aqui: se tirares do meio de ti o jugo, o estender do dedo, e o falar vaidade; e se abrires a tua alma ao famiento, e fartares a alma aflita: então a tua luz nascerá nas trevas, e a tua escuridão será como o meio dia. E o Senhor te guiará continuamente, e fartará a tua alma em lugares secos, e fortificará os teus ossos; e serás como um jardim regado, e como um manancial, cujas águas nunca faltam» (Is. 58:6-11).

«Então romperá a tua luz como a alva, e a tua cura apressadamente brotará». A razão por que o novo de Deus não está mais espiritualmente instruído e não tem mais fé, foi-me mostrado, é porque está cheio de egoísmo. O profeta está-se dirigindo aos observadores do sábado, não aos necadores, não aos incrédulos, mas aos que têm grandes pretensões à piedade. Não é a abundância de vossas reuniões que Deus aceita. Não são as numerosas orações mas o proceder recto, fazendo o que é justo no devido tempo. É o ocupar-se menos com a sua pessoa e ser mais benevolente.» — *Test.*, vol. 2, p. 36.

O amor aperfeiçoado

Sabemos que Cristo identifica-se com a humanidade necessitada e sofredora e qualquer negligência nesta parte Ele considera como sendo a Ele mesmo. «Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; estava nu, e vestistes-me;

adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me. Então os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber? E quando te vimos estrangeiro, e te hospedámos? ou nu, e te vestimos? E quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos ver-te? E, respondendo o rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes» (Mat. 25:35-40).

Lemos «como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com virtude: o qual andou fazendo bem, e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com Ele» (Actos 10:38). Lembremo-nos da seguinte Escritura: «Aquele que diz que está n'Ele, também deve andar como Ele andou» (I João 2:6). Também: «Nisto é perfeita a caridade para conosco, para que no dia do juízo tenhamos confiança; porque, qual Ele é, somos nós também neste mundo» (I João 4:17).

«Bem-aventurado é aquele que atende ao pobre; o Senhor o livrará no dia do mal. O Senhor o livrará, e o conservará em vida; será abençoado na terra, e tu não o entregará à vontade dos seus inimigos. O Senhor o sustentará no leito da enfermidade; tu renovas a sua cama na doença» (Sal. 41:1-3).

Em muitas terras, nestes últimos anos do tempo de probação, multidões estão em angústia e cheias de perplexidades. Muitos andam famintos, e precisam de alimento assim como de roupas. Levar o auxílio a tais que sofrem significa uma grande bênção não só para os que recebem mas também para os que dão. Nós, como povo, temos enviado milhares de toneladas de comida e de roupa aos que estão necessitados em muitas partes do mundo. Haverá ainda muitos outros que necessitarão do nosso auxílio. Talvez alguns que vêm às nossas igrejas nesta Semana de Oração, ou que estão lendo as comunicações em casa, se encontrem em grande necessidade. Lembrai-vos que vossos irmãos vos amam e estão orando por vós, e é o nosso desejo e propósito, manifestar o verdadeiro espírito de Cristo para convosco. Devemos ser cristãos genuínos e termos piedade praticante em nossas vidas.

«O que o mundo precisa hoje é a luz do exemplo de Cristo, reflectido na vida de homens e mulheres semelhantes a Cristo. O intellecto mais poderoso em favor da

verdade é aquele que Cristo controla, enobrecendo-o e purificando-o pela santificação do Espírito Santo». — *Test.*, vol. 5, p. 271.

«Lembremo-nos de que uma vida semelhante à de Cristo é o mais poderoso argumento que pode ser apresentado em favor do cristianismo, e que um cristão que não é fiel à sua profissão causa mais dano ao mundo do que um mundano. Nem todos os livros escritos poderiam substituir uma vida santa. Os homens acreditarão, não o que o ministro pregue, mas o que a igreja pratique em sua vida.» — *Idem*, p. 199.

Precisamos ser mais amáveis e bondosos, mais sensíveis e simbólicos. «Não profirais uma palavra desagradável. Que o amor de Cristo habite em vosso coração, a lei da bondade em vossos lábios.» — *Idem*, pp. 219, 220.

Mesmo as crianças apreciam um sorriso e uma palavra bondosa. Bem me lembro duma experiência que tive há poucos anos, quando era presidente duma das nossas conferências na América do Norte.

As crianças da nossa vizinhança costumavam vir à nossa casa para lhes contar histórias. Gostavam de passear conosco, e às vezes de bicicleta ou alguma outra recreação de que as crianças tanto gostam. Um dia eu dei um passeio de bicicleta com os meus próprios filhos e algumas das crianças da nossa vizinhança. Ao regressarmos, depois duma longa estrada com as nossas bicicletas por um declive acima, assentámo-nos e descansámos à beira da estrada, porque estávamos muito cansados. As criancinhas cercaram-me muito perto de mim sobre o tronco à beira da estrada. Uma criancinha católica, sentada ao meu lado, tomou ânimo, fixou os meus olhos e disse: «Sabe uma coisa?» Eu disse: «Não, então que é?» Ela disse: «Eu gosto de si». Disse eu: «Isso é bom, tenho nisso prazer. Também eu gosto de ti». Então sentámo-nos e descansámos mais um pouco. Passado algum tempo ela olhou para a minha cara outra vez e disse: «Sabe outra coisa?» Disse-lhe eu: «Que há mais?» Disse ela: «Eu espero que quando formos para o céu, Jesus deixará ter a minha casa junto à sua.»

A Bondade Ganha Almas

Isto ajuda-me a compreender que a bondade praticante significa mais do que pregar um sermão. Mostrar interesse nos

outros, ser bondoso, carinhoso, compassivo e servicial — tudo isto são atributos que gostamos ver nos nossos amigos.

«Se nos humilhássemos diante de Deus, e fôssemos bondosos, corteses, carinhosos e compassivos, haveria cem conversões à verdade onde agora há apenas uma... Por que não vivemos em constante comunhão com Ele, de maneira que na nossa convivência de uns com os outros possamos falar e agir bondosa e cortêsmente? Por que não honramos o Senhor, manifestando carinho e amor de uns para com os outros? Se falarmos e agirmos de harmonia com os princípios do céu, incrédulos serão atraídos a Cristo pela sua associação conosco.» — *Test.*, vol. 9, pp. 189, 190.

«Os que devotam a existência a um ministério semelhante ao de Cristo, conhecem o que significa a verdadeira felicidade. Seus interesses e orações estendem-se muito além de si mesmos. Eles próprios crescem à medida que procuram ajudar os outros. Familiarizam-se com os planos mais altos, as mais admiráveis empresas, e como não irão elles crescer, se se colocam nos divinos condutos de luz e de bênção? Esses recebem sabedoria do céu. Identificam-se mais e mais com Cristo em todos os Seus planos. Não há oportunidade para estagnação espiritual.» — *Test.*, vol. 5, p. 220. ...

Lembro-me duma história que me contaram há tempos duma jovem numa das nossas escolas que safu no trabalho da Campanha. Ela e uma outra estudante iam de porta em porta, pedindo donativos para as missões. Esta jovem parou a uma porta, bateu, mas ninguém respondeu. Bateu outra vez e ouviu uma voz enfraquecida dizendo: «Entre, entre». Ela abriu a porta e entrou, mas não pôde ver ninguém no quarto, e assim ela perguntou: «Onde está a senhora que me convidou a entrar?» Ela ouviu uma voz fraca dum quarto interior. A jovem continuou a entrar e encontrou uma velhinha que havia caído e quebrado uma perna. Ali estava impossibilitada no chão. Havia horas que ela se encontrava naquela situação. A nossa irmã ajudou-a a meter-se na cama e começou a cuidar dela, incluindo tratamentos quentes. Enquanto foram chamar o médico a nossa jovem irmã continuou a cuidar desta velhinha que vivia sozinha na sua pequena casa. Antes da chegada do médico, esta irmã missionária da nossa escola preparou uma sopa quente e foi

tão bondosa que a velhinha disse-lhe: «Gosta de velhas como eu, não é verdade?» Esta é a espécie de cristianismo que todos nós gostamos e a espécie porque o mundo anseia.

«Um reavivamento de verdadeira piedade é a maior e a mais urgente de todas as nossas necessidades.» — *Review and Herald*, Março 22, 1887.

«É chegado o tempo para se realizar uma reforma completa. Quando esta reforma começar, o espírito de oração actuará em cada crente e banirá da igreja o espírito de discórdia e luta.» — *Test.*, vol. 5, p. 139.

«Em visões da noite passaram diante de mim representações de um grande movimento reformatório entre o povo de Deus. Muitos estavam louvando a Deus. Os enfermos eram curados, e outros milagres se operavam. Viu-se um espírito de intercessão, tal como se manifestou antes do grande dia de Pentecostes. Viam-se centenas e milhares visitando famílias e

abrindo perante elas a palavra de Deus. Os corações eram convencidos pelo poder do Espírito Santo, e manifestava-se um espírito de genuína conversão. Portas se abriam por toda a parte à proclamação da verdade. O mundo parecia iluminado pela influência celestial. Grandes bênçãos eram recebidas pelo fiel e humilde povo de Deus.» — *Idem*, p. 261.

«Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos ardendo, se desfarão, e a terra, e as obras que nela há, se queimarão. Havendo pois de perecer todas estas coisas, que pessoas vos convém ser em santo trato e piedade. Aguardando, e apressando-vos para a vinda do dia de Deus, em que os céus, em fogo se desfarão, e os elementos, ardendo, se fundirão? Mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça. Pelo que, amados, aguardando estas coisas, procurai que dele sejais achados imaculados e irrepreensíveis em paz.» (II Pedro 3:10-14).

(Leitura para Terça-feira, 16 de Novembro de 1954)

O desafio da nossa obra Mundial

Por E. E. ROENFELT

João Baptista, pela pregação da sua mensagem, endireitou «o caminho do Senhor» e preparou «um povo bem disposto» para o Senhor na Sua primeira vinda. (João 1:23; Luc. 1:17). Foi-nos dado o alto privilégio, e o encargo da solene responsabilidade, de preparar o caminho e aprontar um povo para a Sua segunda vinda.

Que gloriosa tarefa! Como os nossos corações deviam vibrar na contemplação deste trabalho! Nós fomos encarregados de reunir do mundo um vasto exército de homens e mulheres, que estará pronto para aclamar a volta do Filho de Deus como seu Senhor e Rei, e ser digno de fazer parte das numerosas hostes, que tendo sido libertadas por Ele, pela Sua luta mortal contra o poder do mal, constituirão o Seu séquito triunfante, quando Ele voltar a Sião, como um Conquistador poderoso, entre as aclamações do universo.

Isto terá de ser realizado pela proclamação, «a toda a nação, e tribo, e língua, e povo», do «evangelho eterno», na exposição das três mensagens angélicas de Apocalipse 14.

A nossa tarefa é estupenda. Até aos confins da terra e a todos os povos e línguas, a mensagem tem de ser levada. A todo o homem e a toda a mulher, deve oferecer-se a oportunidade de conhecer a verdade e de decidir o seu destino eterno. Mas nós estamos seguros da sua realização. A João, o Revelador, foi dada a visão de «outro anjo», descendo do céu, que «tinha grande poder». É-nos dito que este anjo une a sua voz à do terceiro anjo de Apocalipse 14, tornando-se em alto brado (Apoc. 18:1). Este é o quadro profético da gloriosa consumação da obra de Deus na terra; o quadro celeste da terminação espectacular da nossa obra sob a difusão do poder do Espírito Santo. O Revelador

descreve-o com estas simples mas majestosas palavras, palavras que acordam e fazem vibrar a imaginação: «e a terra foi iluminada com a sua glória.»

Pensai nisto! Deus determinou nestes dias dar a todo o mundo, pelo Seu povo, a mais notável revelação e demonstração do poder do Espírito Santo, como nunca antes, e tornar a Sua mensagem, ao ser proclamada, a mais impressionante e decisiva coisa em toda a terra. Como este pensamento devia despertar-nos! E quão interessado cada um de nós deve sentir-se, por estarmos tão estreitamente cooperando com Ele até ao fim, de maneira que Ele possa gloriosamente realizar o Seu propósito por nosso intermédio!

Grande urgência está ligada à nossa tarefa e à sua terminação. A inspiração, para nos impressionar com este facto, simboliza a saída da mensagem final de Deus a toda a terra, por um anjo voando por meio do céu rapidamente, deixando atrás de si um longo rasto de luz. Desde o próprio início do Movimento Adventista, o povo de Deus tem estado sob a insistência divina, para a realização da Sua obra. Pelas mensagens da serva do Senhor, o horizonte da sua visão tem-se estendido cada vez mais longe, até abranger todo o mundo, e constantemente a ordem de avançar tem soado. A divina providência abriu as portas de oportunidades diante dele e constrangeu-o a manter a sua marcha. Os clamores dos povos de muitos países, pedindo o evangelho, sucedem-se. Causa admiração a rapidez com que a mensagem tem ido de país em país e de povo em povo. Mas, com todas as coisas no mundo indicando a proximidade do fim, e mostrando a brevidade do tempo, as realizações do passado não devem ser consideradas mais do que movimentos preparatórios, que precedem e tornam possível o acontecimento simbolizado pela rapidez das asas seráficas.

Há muitos anos, a serva do Senhor foi levada a escrever: «Não temos tempo a perder. O fim está próximo. A passagem de lugar em lugar, para difundir a verdade, em breve será cercada de perigos à direita e à esquerda. Todas as coisas serão colocadas de maneira a impedir o caminho aos mensageiros do Senhor, a fim de que não possam realizar o que agora lhes é possível fazer. Devemos encarar a nossa obra bem de frente e avançar o mais depressa possível, numa luta agressiva.»

— *Test.*, vol. 6, p. 22.

Já podemos ver o cumprimento destas palavras. Países, que antes nos estavam abertos, têm sido fechado completamente. Não somente não é permitido aos nossos obreiros entrar neles, como temos sido completamente cortados de qualquer comunicação com o nosso povo, para lá das suas fronteiras. Nesses países, o prosseguimento da obra está agora inteiramente confiado aos nossos membros nacionais, que têm de trabalhar e testemunhar de baixo das mais difíceis condições. Mas, nos países que hoje nos estão ainda abertos, deparamos com oportunidades sem precedentes para proclamar a mensagem. Levantemos os nossos olhos e vejamos esses países «que já estão brancos para a ceifa», os quais, por consequência, tão urgente e insistentemente, lançam o desafio ao povo de Deus nestes últimos dias da história do mundo.

O Próximo Oriente

Da Divisão do Próximo Oriente, com os seus 100 milhões de habitantes, 95 por cento dos quais são muçulmanos, e onde bem poucos até agora têm tido oportunidade de ouvir a mensagem, chegam-nos estas linhas de G. J. Appel:

«No Médio Oriente, dois países, previamente não entrados, agora particularmente nos lançam o desafio. O Senhor está abrindo as suas portas para entrarmos com a mensagem do terceiro anjo. Um destes é a Líbia, que compreende cerca de um terço do território do Norte de África, marginando no Mediterrâneo. O povo deste país pertence quase inteiramente à fé muçulmana. Quanto nós saibamos, a nenhuma organização protestante foi permitido até aqui trabalhar no meio deste povo. Recentemente, alguns dos nossos obreiros entraram em contacto com os dirigentes do governo, há pouco eleitos, e como resultado de lhes terem apresentado o nosso programa médico e educativo, recebemos uma licença escrita para iniciar este nosso trabalho no seu país. Planos definidos foram agora feitos a fim de mandar obreiros para este antigo país, que foi a terra de Simão, o qual carregou com a cruz de Cristo.

«O outro país é a Arábia Saudita. Esta região tem estado quase inteiramente fechada a qualquer esforço missionário cristão. Com excepção dum pequeno trabalho médico nas fronteiras do norte, nenhuma

actividades missionárias foram permitidas em toda a península arábica. No extremo sul, perto da saída do Mar Vermelho, encontra-se o Protectorado Britânico de Aden, que é a entrada para toda a Arábia do Sul. Recentemente, foram avisados oficiais deste território e consentiram que o nosso trabalho missionário se fizesse no seu meio. Muito fervorosamente oramos para que homens e meios sejam encontrados, para abrir o nosso trabalho na cidade de Aden, pelo qual será possível alcançar quatro ou cinco milhões de muçulmanos, que até agora tiveram pouco ou nenhum contacto com o cristianismo.

«Na Turquia e no Irão há largas regiões que não foram entradas, nem mesmo pelos nossos colportores. Há planos feitos para mandar a mensagem pela Rádio de Ceilão, e outros postos, para estes lugares, onde ao pregador vivo e ao colportor não é permitido trabalhar. Até à primeira parte de 1953, não tínhamos nenhum trabalho no Sudão Anglo-Egípcio. Há seis meses, um evangelista nacional foi enviado para Khartoum, a fim de desenvolver o interesse que ali havia sido criado pela Voz da Profecia. Já se colheram os primeiros frutos neste campo que previamente esteve fechado.

«Estamos a fazer tudo o que podemos e a usar todos os meios ao nosso alcance para levar o evangelho aos milhões destas terras bíblicas, mas a tarefa é colossal. Como poderá ela ser terminada?»

Através da Ásia do Sul, um novo dia amanheceu em relação com o nosso trabalho. O Espírito de Deus está manifestamente operando no meio de mais de 500 milhões de pessoas comprimidas nestes países que compreendem esta divisão. Áreas inteiras, tais como Assam, com as suas numerosas tribos, estão maduras para a ceifa. Portas, para países previamente fechados a todo o esforço missionário, se estão abrindo diante de nós. Por toda a parte grandes auditórios se reúnem para ouvir a mensagem pregada pelos nossos evangelistas. Os nossos directores e obreiros estão impressionados com o número crescente de conversos, que estão sendo baptizados e entrando para a igreja. 168.493 pessoas, de todas as camadas sociais e de todas as divergentes religiões desses países, se inscreveram na Voz da Profecia, no Curso por Correspondência. Como resultado do estudo das lições, muitos estão descobrindo que Jesus Cristo é o seu Senhor e Salvador pessoal.

«Mas que desafio constitui para a igreja a obra que falta realizar! — escreve R. H. Pierson, director da Divisão. 225 línguas são faladas na Ásia do Sul, 75 delas são línguas principais. Estamos trabalhando apenas em algumas das mais importantes. Só temos um obreiro estrangeiro para cada 3.000.000 de habitantes. Só na Índia, há mais de um milhão de aldeias, e está calculado haver no país mais de 250 milhões de analfabetos, com mais de cinco anos de idade. A todos estes milhões deve ser dada a oportunidade de ouvir a mensagem de Deus, de misericórdia e salvação, antes que o Senhor possa vir novamente. Como realizá-lo?»

Europa do Sul

Relatando esta Divisão, W. R. Beach, diz: «Na Europa do Sul aproximadamente 100.000 Adventistas do Sétimo Dia estão sendo conduzidos por um magnífico grupo de obreiros, num esforço espiritual, até aos limites deste grande campo. Como um dos resultados, um programa integrado de evangelismo designado a levar o evangelho pelas ruas e através dos mares, simultaneamente, os membros desta Divisão têm mais do que duplicado desde o fim da II Guerra Mundial. Os membros da Escola Sabatina têm praticamente duplicado durante estes últimos cinco anos. Aproximadamente 160 igrejas, centros e instituições de evangelização, têm sido providas em nossos novos campos, desde que o fumo das batalhas se desvaneceu em 1946. Todo o poder tenebroso e maléfico conhecido na terra tem domínio sobre as vidas e corpos de quase 300 milhões de pessoas nesta Divisão, mas estamos comovidos com as manifestações do poder emancipador do evangelho, que observamos hoje nas vidas de tantos homens e mulheres.

«Durante o ano de 1953 o desafio da nossa obra não terminada foi respondido numa maneira especial, ao avançarmos em três campos inteiramente novos. Uma família missionária foi enviada para o Senegal, onde um centro evangelístico foi estabelecido em Dakar, na encruzilhada da África Ocidental. Através do continente, em Moçambique, um novo campo muito promissor se iniciou. Depois, mais para o oriente, em Madagascar, entrámos numa grande região ao norte de Tananarive. Durante os meses recentes, entrámos noutros campos. Mas a Providência está

continuamente abrindo novas portas e acenando-nos para entrar. Apelos para mais homens e meios estão continuamente a chegar. Que faremos para estes novos campos que se estão abrindo e para os velhos campos em que um maior trabalho pode e deve ser feito?

«Todos os relatórios que chegam trazem-nos o desafio. Mas não será um privilégio maravilhoso responder aos apelos da última hora?»

África do Sul

«Haverá um maior desafio dirigido ao missionário cristão em África — pergunta R. S. Watts — do que o que vem das vastas extensões de território ainda não entrado? Quilómetros, sim, centenas de quilómetros de regiões com milhões de almas compradas com sangue, onde nenhum Adventista do Sétimo Dia jamais esteve com o evangelho da paz. Da África do Sudoeste, da Bacia do Congo, de Tanganica e de Bechuanalândia, chega-nos o grito do macedônio, vibrando alto e suplicante, com urgência, quase em sons estridentes. Estes povos querem o evangelho, devem recebê-lo, e pelo auxílio de Deus, eles tê-lo-ão.

«Uma vista de olhos retrospectiva revela que há vinte e cinco anos aqui em África, tínhamos um obreiro para cada 69.500 habitantes. Hoje há um obreiro para cada 12.500 habitantes. O progresso da obra tem sido fenomenal. Contudo, uma maior intensidade e uma maior rapidez têm de tomar posse da nossa obra, porque nuvens sinistras estão aparecendo sobre todo este continente. Esse monstro *irrequieto* com os seus componentes de luta, rebelião e carnificina, está trazendo os mais perplexos problemas aos nossos obreiros e crentes. Portas, uma vez completamente abertas, começam a fechar-se, e muitas poderão ser trancadas para sempre. O que ainda deve ser feito em África, terá de ser feito rapidamente.»

América do Sul

Escrevendo deste campo, W. E. Murray diz: «Na nossa Divisão temos uma população de alguns 90 milhões. Esta população está espalhada desde o equador até às partes mais ao sul do continente. Durante os últimos cinquenta ou sessenta

anos, temos ganho quase 70.000 membros. Os membros da nossa Escola Sabatina são contados entre 90.000 e 100.000. Temos um observador do Sábado para cada 1.000 habitantes.

«Na América do Sul, temos algumas das maiores cidades do mundo. A evangelização das suas populações constitui o mais importante problema do nosso campo. Estas cidades são estratégicas e, trabalhar nelas, teria um efeito que se estenderia sobre todo o território, com grandes resultados para o movimento adventista. Na cidade do Rio de Janeiro, Brasil, há 200.000 ou 300.000 pessoas numa comuna, um bairro desta metrópole, no qual temos um pouco ou nenhum trabalho. Em Buenos Aires, com os seus cinco ou seis milhões de habitantes, há largas sub-divisões, nesta cidade, que são território virgem para a mensagem adventista. O mesmo pode ser dito de São Paulo, Brasil, a cidade que mais aumenta no mundo; de Santiago, Chile, e de Lima, Peru. Sempre que os nossos evangelistas abrem trabalho em qualquer parte destas cidades, uma boa congregação de novos conversos em breve é organizada. Este é, com efeito, o tempo em que Deus está esparando. As grandes populações da América do Sul constituem hoje o grande desafio para o povo do movimento adventista.»

Outros Campos

Doutras divisões do campo mundial chegam relatórios semelhantes, relatórios de progresso comovedor e de múltiplos e insistentes apelos para maiores esforços e avanços mais rápidos. Na América Central grandes e novas oportunidades se abrem para proclamar a mensagem. Novos grupos de observadores do Sábado estão surgindo em vastas áreas. No Extremo Oriente oportunidades para avançar a obra não têm limites. O Espírito de Deus está sendo derramado a fim de que a obra possa rapidamente terminar. Em todos os pontos da Europa do Norte vê-se progresso. Os membros da Etiópia mais do que duplicaram durante os últimos quatro anos, enquanto na África Ocidental, tem havido um aumento extraordinário no número de baptismos, durante alguns anos. Nas ilhas dos Mares do Sul, vastas populações de primitivos pagãos estão vindo ao nosso encontro, ansiosos

por conhecer e experimentar o poder salvador de Cristo.

«Pelo Meu Espírito»

Como poderemos vir hoje ao encontro das necessidades e pedidos crescentes da nossa obra? Como poderemos vir ao encontro do desafio lançado pela nossa obra por terminar? Sem dúvida, um grande aumento de homens, mulheres e meios é necessário. Mas isso só não basta. Por muito que obreiros e recursos materiais da igreja sejam multiplicados, seria ainda totalmente inadequado para a estupenda tafera que resta realizar. Somente na medida em que ao Espírito de Deus for permitido tomar posse plena e utilizar o Seu povo, pode a obra ser terminada. O que era verdade da obra confiada a Zerubabel é também verdade da que nos é confiada. «Não por força nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos» (Zac. 4:6).

Deus hoje chama a cada um de nós a esquecer-se a si mesmo, os seus interesses egoístas, planos, ambições, conforto e con-

veniências pessoais, e a pensar só n'Ele, na Sua glória, e no propósito que Ele deseja realizar por nosso intermédio. Na medida em que o fizermos, Ele poderá operar grandes coisas. Onde o poder humano é fútil e os recursos humanos são completamente inadequados, o Espírito de Deus prevalece e concretiza o que é possível.

Nesta hora em que o fim de todas as coisas está às portas e em que a obra de Deus tem de terminar rapidamente, faço um fervoroso apelo a cada um, jovem e velho, a unir-se comigo numa entrega sem reserva e completa a Deus, a fim de que o Espírito Santo possa tomar conta de nós plenamente e utilizar-nos em qualquer lugar e de qualquer maneira que Ele veja conveniente, para a realização do propósito de Deus. Especialmente insisto com os jovens, para que vejam os campos missionários em que multidões jazem ainda nas trevas pagãs e para que consagram as suas vidas ao serviço missionário.

Deus terminará a Sua obra. Minhas irmãs e meus irmãos, quereis permitir-Lhe que Ele o faça por vosso intermédio?

(Leitura para Quarta-feira, 17 de Novembro de 1954)

Dando o que é seu a Deus

Por ROGER ALTMAN

«Não sois de vós mesmos». Estas cinco simples palavras estão cheias de significação. O tempo da nossa vida é curto demais para as compreendermos completamente. Elas cortam directamente através dos desejos e propósitos do coração carnal. Todo aquele que for cristão deve recebê-las e contar os gastos da completa submissão à vontade de Deus. Não pode haver nenhum compromisso. O incrédulo pensa que ele é senhor de si mesmo e aquilo que possui lhe pertence. O cristão deve diariamente aceitar que ele pertence inteiramente a Deus e de forma nenhuma a ele mesmo. Tudo o que tem e também a sua própria vida é voluntariamente rendido à divina graça, inteiramente consagrado ao serviço do Mestre. Ele e os seus tesouros estão escondidos com Cristo em

Deus, postos em segurança, sob o penhor dum Criador fiel.

«Fostes comprados por bom preço». Este é o privilégio e o dever de todos que reconhecem Cristo como Proprietário e Redentor, o que nos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz. Fez-nos uma geração escolhida, um povo peculiar. Ao contemplarmos esta grande salvação, e ao considerarmos este elevado chamado, somos levados a compreender a nossa solene e santa responsabilidade. Em toda a actividade da vida, corpo, mente e espírito, devemos manifestar louvores ao Deus Altíssimo, e assim trazer glória ao Seu exaltado nome. «Quem oferece louvores glorifica-me». Somos de Cristo, Sua propriedade adquirida, sob o Seu completo controle, todo o poder e talento lhe são con-

sagrados e ao Seu serviço para a Sua glória. «Nisto é glorificado Meu Pai», declarou Jesus, «que deis muito fruto; e assim sereis meus discípulos» (João 15:8).

Cooperadores de Deus

Com esta compreensão das nossas relações para com Deus, a pergunta ansiosa dos nossos corações será: «Que darei ao Senhor, por todos os benefícios que me tem feito?» E responderemos à pergunta: «Tomarei o cálice da salvação, e invocarei o nome do Senhor. Pagarei os meus votos ao Senhor, agora, na presença de todo o Seu povo» (Sal. 116:12-14). Tendo provado que o Senhor é gracioso, tendo contemplado e aceitado a Sua redenção maravilhosa, fervorosamente procuramos a Sua face, para saber que serviço podemos prestar a Deus e à Sua causa. Ansiamos por ser cooperadores de Deus.

É o dever de cada cristão levar outros a partilhar das bênçãos que chegaram a ele. Tudo que nos possa parecer possuímos tem sido colocado debaixo do nosso controle, durante algum tempo, a fim de que possamos compreender como seremos mordomos de Deus. As novas da redenção eterna devem ser levadas a toda a criatura. Este é o trabalho em que todo o céu está interessado, e em que todo o seguidor de Jesus deve ter uma parte. Todo o tesouro deve ser colocado sobre o altar do sacrifício. A declaração do Mestre é clara demais para ser mal compreendida: «Qualquer de vós, que não renuncia a tudo quanto tem, não pode ser meu discípulo» (Luc. 14:33).

«Nada podemos trazer a Deus que não seja já d'Ele. 'Todas as coisas vêm de Ti', disse David; 'e do Teu te temos dado'. Tudo é de Deus não só por criação, mas por rendição. Todas as bênçãos desta vida e da vida futura nos são entregues com o cunho da cruz do Calvário.» — *Parábolas de Cristo*, p. 362. O menos que podemos fazer é reconhecer Deus como o verdadeiro dono de todos os talentos colocados sob o nosso cuidado e humildemente esperarmos no Senhor para que nos guie no que respeita ao seu emprego na Sua causa.

Cada crente é um mordomo não só das múltiplas graças de Deus, como também dos bens terrenos que lhe foram confiados. Nenhum dos seus bens lhe pertence. Ele foi comprado por bom preço. Todo o

escudo, todo o hectare se tornou proveitoso para o Senhor da seara, no momento em que se uniu à igreja e está empenhado na causa de Deus. Na realização do seu trabalho, os servos de Deus, ao proclamar a mensagem, devem-se equipar com material terrestre. Os obreiros devem ser mantidos e embora, em primeiro lugar, não devam estar preocupados com o alimento, roupa e abrigo, contudo, devem ser providos com estas necessidades. As crianças da igreja devem ser educadas, os doentes devem ser tratados, livros e revistas devem ser publicados, colportores enviados para o campo, obreiros bíblicos e ministros transportados de um lugar para o outro e uma quantidade de várias actividades, levadas a efeito a fim de que a comissão evangélica de ensinar todas as nações seja cumprida.

Provavelmente nunca houve um tempo, desde que este movimento principiou, em que houvesse tantos pedidos de fundos, como no presente. Por outro lado, a importância total de dinheiro, passando pelos canais denominacionais, nunca foi tão grande, como nestes últimos anos. Em vez de se tratar de milhares de dólares no programa das missões estrangeiras, como era o caso comparativamente há poucos anos, agora trata-se de milhões, manejando as maiores divisões, cada uma delas, mais fundos do que a inteira denominação dispunha comparativamente há pouco tempo.

O aumento do Movimento Adventista é o resultado da obra do Espírito Santo nos corações dos homens, no tempo em que a profecia bíblica vai ser cumprida. A consagração dos corações a Deus em todas as terras, tem feito surgir um espírito de benevolência, que tem resultado num influxo regular de fundos consagrados à manutenção da igreja e à promoção do seu programa divino.

Os Primeiros Sacrifícios

Os obreiros dos primeiros dias saíam para o seu trabalho inteiramente à sua custa. Mais tarde, quando conferências foram organizadas, era concedido aos ministros um pequeno avanço, de harmonia com a entrada de dízimos que se esperavam, até à verificação de contas do fim do ano. Então, se havia um pequeno excedente no tesouro, uma concessão adicional era feita além dos quatro ou cinco dólares que lhes

eram atribuídos semanalmente, durante o ano. O programa das missões estrangeiras começou numa base semelhante, com fundos escassos. Centenas dos nossos obreiros mais velhos podiam contar histórias comoventes do cuidado do Senhor de lhes providenciar o necessário, à medida que trabalhavam para espalhar esta verdade nos dias das pequenas coisas.

Agora estamos chegados a um dia diferente. Os sacrificios dos primeiros anos não foram em vão. A igreja de Deus hoje encontra-se sobre uma firme base financeira. Mas isto só se tornou um facto quando os princípios da verdadeira mordomia evangélica deu fruto nas vidas individuais dos membros da igreja em todo o mundo. Não é apenas o resultado do aumento de membros. A mesma necessidade de sacrificio pessoal existe hoje, como há setenta e cinco anos, quando a Senhora E. G. White relatou as suas primitivas viagens. Ela fez doze viagens através do continente e nunca havia gasto um dólar no restaurante da estação ou do comboio. Ela confessou que depois de dois ou três dias a comida no cesto do lance tornava-se um tanto seca e requeria um pouco de leite ou caldo quente para a tornar saborosa. Tal austeridade não é agora requerida habitualmente de nós, mas o mesmo espirito, que se sujeitava a refeições frias continuadas nos comboios, há oitenta anos, a fim de que a causa de Deus pudesse florescer nesses dias, devia possuir todos os crentes hoje, tanto leigos como obreiros, para a renúncia própria e assegurar que o seu supremo desejo é de ver a obra de Deus finalizada.

É o dever do ministro ou do director da igreja instruir aqueles que estão sob o seu cuidado, sobre a ligação espiritual vital entre a fidelidade nos dízimos e ofertas e uma vida cristã saudável. Isto é absolutamente fundamental para o aumento da igreja. Não permita Deus, contudo, que ao descarregar-se deste dever, o pastor ou o ancião consinta que este apelo degenera num simples e constante clamor por fundos. Nenhum membro da igreja devia jamais ter razão para sentir que ele paga tributo para manter a sua situação na mesma. O nosso povo vem às reuniões para ser alimentado com o pão da vida. Que não lhe seja dada a pedra da exacção eclesiástica. Não advogamos o pagamento dum dízimo fiel e generosas ofertas, simplesmente para obter dinheiro.

O desenvolvimento e a prosperidade espirituais da Igreja Adventista do Sétimo Dia estão ligados com este princípio. A bênção e o favor de Deus dependem dele. Nenhum pregador está em condições de receber as credenciais, desde que não lhe dê a devida importância. Nenhum director de Campo é digno do seu cargo, desde que fracasse em estimulá-lo. Nenhum membro pode crescer, desde que o não pratique.

É uma responsabilidade solene o permanecer como testemunha de Deus em tempos como estes. O inimigo fará todo o possível por estancar a liberalidade e desanimar a fidelidade. O diabo nunca evitará seja o que for contra a causa de Deus. Os argumentos mais subtis e plausíveis, que o poder do mal pode inventar, serão usados para extinguir a vida espiritual das pessoas, pela retenção ou desvios dos fundos sagrados. Nenhum ardil humano deve ser consentido, para nos desgarrar do plano bíblico estabelecido. Nenhum exemplo de mau governo ou extravagância pode servir como desculpa, para reter o que é de Deus e assim trazer magreza às nossas próprias almas. Cada escudo pago para esta causa, constitui uma parte duma vida consagrada do doador que levantou os olhos para ver os campos e orou ao Senhor das searas de enviar mais obreiros. A direcção da igreja está encarregada do dever sagrado de vigiar por que cada escudo pago seja empregue no lugar em que possa ter a sua plena parte em alcançar as multidões que estão no lumiar do reino, esperando ser recolhidas.

A Nossa Parte na Terminação da Obra

O campo é o mundo. O principio evangélico é a difusão. Todos os mordomos da graça de Deus estão comissionados a ir a todo o mundo com as boas novas. Apenas alguns podem ir pessoalmente, para além das suas fronteiras, e ninguém pode esperar trabalhar em todos os países. A única maneira de nós e eu podermos plenamente obedecer à ordem de Deus de pregar a toda a criatura, é enviando os nossos meios. Nisto está armazenado o nosso tempo, a nossa energia, a nossa vida, convertidos numa forma em que podem ser enviados para o estrangeiro, para um emprego efectivo.

Todo o verdadeiro Adventista do Sétimo

Dia anseia por fazer a sua parte na terminação da obra em todo o mundo. Ele não ficará satisfeito em participar no envio do evangelho à Índia, se for excluído de o enviar à África. Na providência de Deus, ele poderá nunca sair da sua própria casa, mas, quando ora por ceifeiros para os campos maduros, ele alegra-se com a certeza de que os seus dons foram aceitos pelo céu e que não se encontra ocioso na praça, na hora undécima.

O plano financeiro da denominação dá a cada crente a oportunidade de ter a sua parte na obra em todo o mundo. As ofertas da Escola Sabatina e outros dons das aldeias da Índia misturam-se com as do Japão, África, América do Norte e do Sul e doutros países. Desta maneira o equilíbrio é mantido. A obra pode avançar equilibradamente por todo o mundo. Um posto avançado difícil e fraco, onde há poucos membros, pode enfrentar uma tarefa igualmente vasta, oportunidades igualmente grandes, pedidos igualmente numerosos e urgentes. Daí, o plano de concentrar os fundos missionários para distribuição cumpre um objectivo duplo. Dá a cada membro uma parte na obra de cada campo e permite o progresso simultâneo em muitos países. Além disso; ajuda a preservar a unidade no trabalho mundial. Isto nunca foi tão necessário como hoje. Cristo não está dividido. À medida que os Seus seguidores cultivam o seu interesse nos países longínquos, e manifestam o seu zelo pela salvação de todos os homens em toda a parte, pelo sacrificio dos seus dons para ajudar a espalhar o evangelho em todas as nações, tornam-se mais intimamente ligados numa companhia unida.

«Liberalidade não é para nós tão natural que possamos obter esta virtude por acidente. Tem que ser cultivada. Devemos deliberadamente resolver honrar a Deus com os nossos bens e depois não deixar que qualquer coisa nos tente a roubá-lo com os dízimos e ofertas que Lhe são devidos. Devemos ser inteligentes, sistemáticos e constantes nos nossos actos de caridade para com os homens e nas nossas expressões de gratidão para com Deus, pelas Suas liberalidades. Este dever é demasiado sagrado para ser deixado ao acaso ou para ser controlado por impulsos ou sentimentos. Devíamos regularmente reservar alguma coisa para a causa de Deus, a fim de que Ele não seja roubado da parte que Ele reclama. Quando roubamos a Deus, roubamo-nos a nós tam-

bém. Desistimos dos tesouros celestes por amor aos desta terra. É uma perda que não podemos suportar. Se vivermos de maneira que possamos ter a bênção de Deus, teremos a Sua mão prosperadora connosco nos nossos negócios temporais; mas se essa mão estiver contra nós, Ele fará frustrar todos os nossos planos, e fará espalhar mais depressa do que podemos juntar.» — *Test.*, vol. 5, pp. 271, 272.

«O maior louvor que alguém pode render a Deus é tornar-se um conduto consagrado, pelo qual Ele possa operar. O tempo rapidamente cede o lugar à eternidade. Não vamos reter de Deus o que é d'Ele. Não Lhe recusemos aquilo que, embora não possa ser dado sem mérito, não pode ser negado sem que acarrete a nossa ruína. Ele pede um coração inteiro; dai-Lho; é d'Ele tanto pela criação como pela redenção. Ele pede o vosso intelecto; dai-Lho; é d'Ele. Ele pede o vosso dinheiro; dai-Lho. 'Não sois de vós mesmos, porque fostes comprados por preço'. Deus requer a homenagem de uma alma santificada que, pelo exercício da fé que opera por amor, se preparou para O servir. Ele nos apresenta o ideal mais elevado, sim, o ideal da perfeição, e nos roga de viver neste mundo absoluta e exclusivamente para Ele, como Cristo vive para nós na presença de Deus.» — *Act of the Apostles*, p. 566.

Agora é o tempo para nós trabalharmos. Agora é o tempo para fazer entrar todos os dízimos. Agora é o tempo para colocar tesouros no céu. Este é o dia da oportunidade, quando os bens terrestres podem ainda ser usados por Deus para levar à redenção as almas que perecem. Este é o dia de conflito, quando cada soldado deve vigiar, orar, dar e sair. Em breve será o dia da vitória em que o trabalho e lágrimas darão o lugar ao regozijo. Sejamos verdadeiros.

No próximo sábado, após a leitura da última comunicação, serão recolhidos os envelopes com os nossos dons do Fim do Ano, e, ao fazermos-lo sob os olhares de Deus, pensemos na exortação da Sua Palavra que «cada um contribua segundo propôs no seu coração; não com tristeza, ou por necessidade; porque Deus ama ao que dá com alegria.» (*II Cor. 9:7*).

(Leitura para Quinta-feira, 18 de Novembro de 1954)

«PORTANTO SEDE SANTOS»

Por GLENN CALKINS

O pensamento para a leitura de hoje, encontra-se em Levítico 20:7: «Portanto santificai-vos, e sede santos.»

A pergunta surge imediatamente: Será possível santificar-nos por nossas próprias forças ou por nossos próprios esforços? A resposta é inequívoca. Há uma maneira e uma única maneira, e essa é pela justiça de Jesus Cristo. «Verdadeira santificação significa amor perfeito, obediência perfeita, conformidade perfeita com a vontade de Deus.» — *Acts of the Apostles*, p. 565. «Deus requiere a homenagem de uma alma santificada que, pelo exercício da fé que opera por amor, se preparou para O servir. Ele nos apresenta o ideal mais elevado, sim, o ideal da perfeição.» Id., p. 566. Como podemos então obter esta perfeição? Outra vez eu repito que há uma única maneira, e essa é a maneira trazida pelo sangue.

«Pela fé em Cristo, todas as deficiências de carácter devem ser supridas, todas as contaminações limpas, todas as faltas corrigidas, todas as virtudes desenvolvidas.» — *Education*, p. 257. «Cristo está deseioso de tirar-nos as vestes manchadas e poluídas pelo pecado, e vestir-nos a túnica branca da justiça. Ele deseja que vivamos e que não morramos.» — *Aos pés de Cristo*, p. 80.

Deus põe diante de nós uma elevada norma e espera que a alcancemos; mas sabe quão fracos somos e assim tornou um meio possível. Eu cito uma declaração para fazer sobressair esse pensamento. «Quando está no coração obedecer a Deus, quando esforços são feitos para esse fim, Jesus aceita disposição e esforço, como o melhor serviço do homem, e supre as deficiências com o Seu próprio mérito divino. Mas não aceita aqueles que pretendem ter fé nEle e contudo são desleais ao Mandamento do Seu Pai.» — *Signs of the Times*, Junho 16, 1890. Que bela promessa.

Podia alguma coisa ser mais agradável? Poderia alguma coisa ser mais clara? Poderia o nosso Pai do Céu fazer mais do

que Ele fez? Mas, lembrai-vos. Estas promessas são condicionais sobre a nossa obediência. Ele lembra-se que somos fracos, oh, tão fracos, e sujeitos a todas as tentações do inimigo. Ele sabe que nós somos inclinados a seguir o caminho da menor resistência a um mundo mau. Nós podemos mesmo vacillar ou cair, «porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus.»

Já vistes um rio tão direito como uma flecha? Talvez não. Os rios geralmente serpenteiam para um lado e para o outro no seu caminho para o grande oceano, desde o momento que brotaram das encostas das montanhas ou suavemente deslizam de algum lago. E por que razão o rio nunca é direito? Esta pergunta foi feita a um mancebo e ele deu uma excelente resposta. Ele disse: «O rio torna-se torto por seguir a linha da menor resistência.» Assim faz o homem. Mas, graças a Deus, «se alguém pecar, temos um advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo» (I João 2:1).

A Justiça e a Misericórdia encontraram-se

«Portanto, sede santos.» Por quê? «Porquanto está escrito: Sede santos, porque [Eu sou santo]» (I Pedro 1:16). Como é que a santidade é possível? «Em Jesus a misericórdia e a verdade encontraram-se, a justiça e a paz beijaram-se. Na Sua vida e carácter, Ele não só revela o carácter de Deus, mas a possibilidade do homem. Ele era o representante de Deus e o exemplar da humanidade. Ele apresentou ao mundo o que a humanidade podia tornar-se quando unida pela fé com a divindade. O unigénito Filho de Deus tomou sobre si a natureza humana, e estabeleceu a Sua cruz entre a terra e o céu. Pela cruz o homem foi atraído a Deus e Deus ao homem.» — *Signs of the Times*, Junho 5, 1893. «O Seu objectivo era reconciliar as prerrogativas da justiça e da misericórdia e deixar cada uma per-

manecer separada, ainda que unidas... A justiça e a misericórdia ficaram separadas, em oposição uma à outra, separadas por um largo abismo... A justiça saindo do seu exaltado trono, e, com todos os exércitos do céu, aproximou-se da cruz. Ali viu-se igual a Deus, suportando a pena por todas as iniúscias e pecados. Com perfeita satisfação a justiça inclinou-se em reverência na cruz, dizendo: Basta.» — *General Conference Bulletin*, 4.º trimestre de 1899.

Haveria alguma coisa mais bela, mais maravilhosa? Poderia a provisão ser mais completa para a nossa redenção? Servimos, com efeito, um Deus misericordioso, porque Ele deu aos Seus filhos promessa após promessa através das Sagradas Escrituras e através do Espírito de Profecia. São promessas que nunca falharão. Eis aqui uma: «Se a igreja vestir o manto da justiça de Cristo, abstendo-se de toda a ligação com o mundo, acha-se perante ela o raiar de um brilhante e glorioso dia. As promessas divinas a ela feitas, para sempre permanecerão. Ele fará dela uma excelência eterna, o gozo de muitas gerações.» — *Acts of the Apostles*, p. 601.

Já contastes as promessas da Palavra de Deus? Penso que seria quase impossível enumerá-las todas; e depois se alguém procurasse contar as promessas contidas no Espírito de Profecia, isso seria uma tarefa quase infinda.

Eu lembro-me quando o Pastor J. N. Loughborough ainda era vivo e de ter feito a sua morada no Sanatório de Sta. Helena. Foi meu privilégio visitá-lo frequentemente, e sempre me sentia inspirado na sua presença. Um dia quando entrei no seu quarto eu vi a Bíblia aberta, como de costume, sobre a mesa diante dele; e notei que ele escrevia e tomava notas num pedaço de papel a seu lado. Perguntei-lhe o que fazia. Ele disse: «Irmão Calkins, eu estou outra vez a contar as promessas da Palavra de Deus.» Eu disse: «Irmão Loughborough, quantas contou?» Ele respondeu-me que havia 3.573 promessas separadas e distintas, e estou certo que ele não as havia encontrado todas.

João, o Amado, disse: «Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo, para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça» (I João 1:9). Essa única promessa, se fizesse inteiramente parte das nossas vidas, levar-nos-ia a salvo para o reino. Tais promessas como

estas são para vós. São para mim. São para todos os filhos de Deus de coração honesto.

A nossa natureza carnal tem de ser mudada. Coisas que antes amávamos devemos odiar agora e coisas que antes odiávamos devemos amar agora. Noutras palavras deve haver uma completa mudança em nossas vidas. O terreno inculto tem de ser trabalhado.

Porventura já vistes um agricultor com as suas alfaias, quebrando e pulverizando o duro solo, preparando-o para receber a semente? Essa é a experiência que vós e eu temos de fazer. «O pecado traz a doença e a fraqueza física e espiritual. Cristo tornou-nos possível libertar-nos deste curso. O Senhor promete por intermédio da verdade renovar a alma...» — *Review and Herald*, 14 de Janeiro de 1902. Precisamos ser renovados. Precisamos ser pulverizados. O terreno inculto deve ser quebrado e preparado para a sementeira do amor, da misericórdia e da justiça.

Algumas pessoas dirão que o cristianismo é um sistema de limitações e restrições, que ele significa que o homem deve ser dominado constantemente, que ele significa «não facas isto» ou «não facas aquilo». Se os nossos corações carnis por natureza forem completamente rendidos a Jesus, então o Mestre terá perfeito controle sobre tudo que fazemos, dizemos ou pensamos. Os «não-facas» serão esquecidos e os «facas» serão uma alegria.

Tendes ouvido pessoas dizer, quando guiam os seus automóveis: «Tenho pleno controle sobre ele». Que querem dizer com isto? Querem dizer que o carro não pode andar? Não supondes por um momento que a pessoa que tem um automóvel parado à beira da estrada, que não pode andar em absoluto, seja inclinada a dizer: «O meu carro está debaixo do meu completo controle.» É justamente o contrário. O carro que está debaixo de perfeito controle andará facilmente na sua velocidade normal e se obterá dele exactamente o que se pretende, sem violentos esforços nem canseiras. É isso que Deus espera de nós. Ele deseja possuir completo controle. Um automóvel que vai pela estrada fora sem governo é perigoso, não só para as pessoas que vão dentro como também para as pessoas que vão na estrada; assim é alguém que não se encontra sob o perfeito controle de Jesus. É uma ameaça para ela mesma, para os seus queridos, e para to-

dos aqueles que entram em contacto com ela. Não há maior tributo que se possa pagar a um homem do que ouvir dos lábios da sua esposa: «O meu marido é um cristão verdadeiro», ou de seus filhos: «Meu pai é um pai bondoso e compassivo.» Tal homem é um dos homens de Deus.

Um Novo Homem em Cristo

A vida cristã não é simplesmente uma ligeira modificação ou um melhoramento da antiga, mas é uma completa transformação e isto significa a morte ao eu e ao pecado, uma ressurreição para uma nova vida como um novo homem em Jesus Cristo. Devemos lembrar-nos que, quer em casa, na loja, na herdade ou no mercado, como um escudo contra a tentação, uma inspiração que purifica e a verdade, nenhuma outra influência pode equiváler o sentido da presença de Deus.» — *Education*, p. 255. Então o Pai Celeste teria pleno controle.

Há dias eu lia a respeito dum aparelho fotográfico que é capaz de tirar vinte e quatro milhões de fotografias por minuto — uma das maravilhas da ciência dos nossos dias. Meus amigos, existe um aparelho ainda mais rápido que transfere diariamente para o livro da vida uma vista panorâmica das nossas vidas de cada dia. «Lembrai-vos que dia após dia o Grande Mestre Artista está fotografando o vosso carácter. Os vossos pensamentos, as vossas palavras, as vossas acções são transferidas para o Seu registo, à medida que os traços do rosto humano são representados na chama polida do artista. Devemos ser representantes de Cristo na terra — puros, bondosos, justos e magnânimos, cheios de compaixão, mostrando abnegação na palavra e nos actos.» — *Medical Ministru*, p. 184.

Devemos tomar tempo para o estudo da Palavra de Deus e para a oração. Se jamais entrarmos pelas portas de pérolas no reino, entraremos, por assim dizer, sobre os nossos ossos. Se jamais cessarmos de ser o povo do Livro, estaremos perdidos, eternamente perdidos. É somente quando diariamente falamos com Deus em oração e ouvimos a Sua voz, falando-nos por intermédio da Bíblia, que poderemos esperar viver a vida que está «escondida com Cristo em Deus».

Enquanto devemos lembrar-nos que a nossa cidadania «está nos céus, donde

também esperamos o Salvador» (Fil. 3:20), ainda estamos no mundo como uma parte integral da sociedade humana e temos de partilhar, com os nossos semelhantes, certas responsabilidades nos problemas comuns da vida. Os Adventistas do Sétimo Dia, acima de todos, devem ser bons cidadãos, homens e mulheres de confiança na comunidade onde vivem. As suas vidas deviam ser sempre apontadas como bons exemplos. Devíamos, quanto possível, fazer tudo em nosso poder por melhorar as condições sociais na nossa comunidade, enquanto ao mesmo tempo permanecer afastado de todas as lutas políticas e sociais. Devíamos serena e firmemente manter uma conduta sem compromisso pela justiça e rectidão, com estrita aderência às nossas convicções religiosas. É a nossa responsabilidade sagrada sermos leais cidadãos para com o governo a que pertencemos, dando «a César o que é de César; e a Deus o que é de Deus» (Mat. 22:21).

Devíamos sempre ter na nossa mente a santidade do Sábado. É-nos dito que devia ser um sinal do Deus vivo. «E santificai os Meus Sábados, e servirão de sinal entre Mim e vós.» Era o Seu sinal no passado e é o Seu sinal hoje de que somos Seus filhos. Devíamos fervorosamente escutar a admoestação da Palavra de Deus: «Lembra-te do dia de Sábado para o santificar.»

Devíamos tomar o compromisso outra vez de renovar a nossa consagração na observância do Santo Dia de Deus:

1. Guardando religiosamente os limites do Sábado.
2. Entrando nas suas horas sagradas com um culto em volta do altar da família e outra vez, marcando o seu encerramento, ao pôr do sol.
3. Pondo de lado todos os jornais seculares e abstermo-nos de usar a rádio e a televisão. (Eu menciono estas coisas por causa do perigo envolvido. Eu não deixo de reconhecer os bons programas, mas há muita coisa que não presta. Há coisas, que evitaríamos de ver ou de ouvir num teatro, que são muitas vezes introduzidas nas nossas casas. Ao mesmo tempo Deus está usando ambos para a Sua glória, alcançando muitos que doutra forma não viriam em contacto com esta mensagem).
4. Evitar desnecessários passeios de prazer em automóvel.

5. Não entretermos conversas ociosas, quer seguindo os nossos próprios caminhos quer falando as nossas próprias palavras.

A Reforma da Saúde — Um Princípio Importante

Devíamos sempre lembrar-nos que os nossos corpos são o templo do Espírito Santo e devia ser o nosso propósito seguir os preceitos e instruções estabelecidos para o povo de Deus. A reforma da saúde é um princípio importante, compreendendo muitas coisas; e devíamos relacionarmos-nos inteligentemente com esses princípios. «Aqueles que guardam os mandamentos de Deus devem entrar numa sagrada união com Ele e pela temperança no comer e beber e conservar a mente e o corpo na mais favorável condição para o Seu serviço.» — *Counsels on Health*, pp. 132, 133. «É o desígnio do Senhor que a influência restauradora da reforma da saúde faça parte do grande esforço para proclamar a mensagem evangélica.» — *Medical Ministry*, p. 259.

(Ao vestirmo-nos devemos lembrar-nos sempre que somos representantes de Jesus. Tanto homens como mulheres devem vestir-se de tal maneira que as suas vestes não chamem a atenção dos outros, mais do que o carácter de Cristo que em todo o tempo deve reflectir-se no rosto. Noutras palavras, extremismos de toda a espécie devem ser evitados.

Devemos ser cuidadosos com a espécie de recreio e divertimentos que procurarmos. Uma norma é mantida pelo Governo dos Estados Unidos em Washington, D. C., para cada peso, medida e qualidade de todas as mercadorias. Deus tem semelhantemente uma norma imutável para todos os caracteres cristãos. Ninguém devia tentar alterar essa norma ou pôr em dúvida a Sua autoridade. Devemos alcançar a norma do governo do céu. Nenhuma moral feita pelos homens deve ser recebida em seu lugar, por muito atraente que pareça. O recreio é necessário para uma vida sadia; mas os assim chamados divertimentos do mundo, não são necessários e muitas vezes são prejudiciais. «Os divertimentos estão contribuindo para anular a operação do Espírito Santo e o Senhor é ofendido.» — *Conselho aos Professores*, p. 253. Citando outra vez: «Há

diferença entre recreação e divertimento. A recreação, na verdadeira acepção da palavra — recreação — tende a fortalecer e construir. Afastando-nos dos nossos cuidados e ocupações usuais, ela proporciona descanso ao espírito e ao corpo, e assim nos habilita a voltar com novo vigor ao sério trabalho da vida. O divertimento, por outro lado, é procurado com o fim de proporcionar prazer, e é muitas vezes levado ao excesso; absorve as energias que são necessárias para o trabalho útil, e desta maneira se revela um estorvo ao verdadeiro êxito da vida.» — *Educação*, p. 207.

No que respeita a leituras, devemos lembrar-nos do conselho da pena inspirada. «A experiência religiosa é em grande parte determinada pela espécie de livros que ledes em vossos momentos de lazer.» — *Test.*, vol. 5, p. 84. Ainda: «A prática da leitura de histórias é um dos meios empregados por Satanás para destruir as almas. Produz excitação falsa, doentia, escalda a imaginação, inabilita o espírito para a utilidade, e para todo o exercício espiritual. Afasta a alma da oração e do amor às coisas espirituais.» — *Conselho aos Professores*, p. 120.

Estou reconhecido por haver no céu toda a espécie de música e sinto-me feliz por haver lindos cânticos de louvor e de acção de graças aqui na terra. O livro *Educação*, diz: «Que se cante em casa, cânticos que sejam melódiosos e puros, e haverá menos palavras de censura, e mais animação, esperança e alegria.»

Quando se trata de estabelecer um novo lar, também devemos estudar muito cuidadosamente as palavras de instrução das Escrituras e do Espírito de Profecia. Paulo declarou: «Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis» (II Cor. 6:14). «Pesem, os que pretendem casar-se, todo o sentimento e observem todas as modalidades de carácter naquele com quem desejam unir o destino da sua vida. Seja todo o passo em direcção da aliança matrimonial, caracterizada pela modéstia, simplicidade, sinceridade e o sincero propósito de agradar e honrar a Deus. O matrimónio afecta a vida futura tanto neste mundo como no vindouro. O cristão sincero não fará planos que Deus não possa aprovar.» — *Ciência do Bom Viver*, p. 309. «A não ser que queirais um lar onde as sombras nunca se levantam, não vos ligueis com uma pessoa que é inimiga de Deus.» *Mensagens aos Jovens*, p. 438.

Quem é inimigo de Deus? «Quem não é comigo é contra mim» (Mat. 12:30).

Se procuramos fervorosamente e honestamente «ser santo como Ele é santo», então seguiremos o exemplo que Ele nos deixou, seguindo a simplicidade porque Ele seguiu a simplicidade. «Mas no dia de Noé, os homens casavam sem consultar Deus nem procuravam a Sua direcção e conselho. Assim acontece nos dias de hoje; a cerimónia do casamento é um motivo de exibição, extravagância e de indulgência própria. Mas se as partes contratantes concordam na prática e crença religiosas, tudo é consistente, a cerimónia é conduzida sem exhibições e extravagâncias, não há necessidade do casamento desagradar a Deus.» — *Review and Herald*, 25 de Setembro de 1888.

O espírito dos casamentos é contagioso. Uma pessoa da comunidade da igreja muitas vezes procura seguir o exemplo dos outros. Cada um que sucede procura ultrapassar o que o precedeu e assim se criou

um círculo vicioso que aumenta e se alarga à medida que os dias passam. Que Deus nos ajude a lembrar-nos que somos um povo simples, que Jesus foi o nosso exemplo, que Ele viveu uma vida simples.

«Portanto, santificai-vos, e sede santos.» Ao terminar, possa isto ser um apelo à oração, um apelo à reconsagração, um apelo a uma nova entrega da vida e de tudo o que este mundo contém. Se alguma vez necessitámos de orar é agora, porque o inimigo das almas «anda em derredor, bramando como leão», «sabendo que já tem pouco tempo.»

«Portanto santificai-vos, e sede santos.» «Vós que tendes há muito perdido o espírito de oração, orai, orai fervorosamente: 'Tem piedade da Tua causa que sofre; tem piedade da igreja, tem piedade dos crentes individuais, Tu Pai de misericórdia. Tira de nós tudo que contamina, nega-nos o que Tu quiseses, mas não retires de nós o Teu Santo Espírito'» — *Special Testimonies for Ministers*, Num. 7, p. 33.

(Leitura para Sexta-feira, 19 de Novembro de 1954)

«Para tal tempo como este»

Por J. J. AITKEN

Nunca na história do Movimento Adventista foi dirigido à moderna juventude um maior desafio do que aquele que foi dirigido à jovem rainha Ester dos tempos bíblicos. «Quem sabe se para tal tempo como este chegaste a este reino?» (Ester 4:14).

Nos dias de Ester o povo de Deus encontrava-se em grande perigo. O futuro era sombrio e alguns do povo se inclinavam para chorar em desespero. Mas chorar sobre a situação e fugir do dever numa grande hora de necessidade não resolveria de forma nenhuma o problema. Mardoqueu era um tal homem. Ele tinha fé em Deus. Ele sabia que o libertamento veria duma maneira ou doutra. Mardoqueu tinha fé para crer que esta era a hora em que a juventude podia realizar uma tarefa que nenhum outro podia. Ele apelou para a jovem rainha Ester e ela aceitou o desafio. Ela levantou-se para agir exactamente no momento preciso, e,

fazendo-o, ela desempenhou a sua parte com coragem para salvar o seu povo. O seu espírito destemido para fazer o que era recto, sem olhar ao que lhe podia custar, salvou a situação. «Irei ter com o rei, ainda que não é segundo a lei; e, perecendo, pereço» (Ester 1:16).

Mais uma vez a hora do destino soou. O mundo vive na era atómica com a juventude do mundo entregue a si própria e aos prazeres. O Senhor está procurando uma outra espécie de juventude que tem carácter e personalidade diferentes da corrente geral da humanidade. A pergunta chega soando nesta última hora da história da terra: Haverá ainda jovens, rapazes e meninas, que se colocarão a favor da justiça, ainda que os céus tombem? Haverá ainda os que estão dispostos e prontos a responder à chamada para o serviço, com o merigo da sua própria vida? Na vida de cada jovem adventista do Sétimo Dia a hora da decisão chegou. Arris-

careis tudo com Ester para que todos possam beneficiar?

É tão fácil ir com a maré e fazer como os outros. Ester foi tentada a fazer isso mesmo e a fugir ao dever. Mardoqueu dirigiu-lhe um tremendo desafio quando disse: «Ester, não imagines em teu ânimo que escaparás na casa do rei, mais do que todos os outros judeus. Porque, se de todo te calares neste tempo, socorro e livramento doutra parte virá para os judeus» (Ester 4:13, 14). Foi com esta declaração que a jovem rainha viu definitivamente que Deus a estava chamando para essa hora. Não era o seu dever pôr ao serviço todos os seus talentos que possuía e empregá-los para um fim: a salvação do seu povo? Ela imediatamente compreendeu que Deus a havia colocado numa situação de autoridade e de honra na corte do rei para um fim especial. O problema imediato era como usar os seus talentos e prestígio na realização da sua obra. Ela devia agir prudentemente e de maneira inteiramente diferente das outras, porque era a única forma de cumprir a sua missão.

Recentemente uma jovem disse-me aqui na Suíça: «Sinto-me deslocada quando vou comer a um restaurante. Todas as outras raparigas em volta de mim fumam. E eu, por que não o faço? E a moda agora e todas o fazem.» Nestas palavras vemos claramente o espírito da juventude moderna sem uma missão na vida. Assim nós muitas vezes somos tentados a fazer coisas que sabemos não serem do agrado de Deus, mas contudo fazemo-las. De qualquer maneira sentimos que se outros as fazem a nossa culpa não é tão grande. A grande rede de arrasto de Satanás nestes últimos dias da história da terra é o seu esforço para convencer os nossos jovens que não faz mal se fizerem o que outros fazem.

Esta semana de oração é o tempo do verdadeiro exame de consciência a fim de saber qual é a nossa situação diante de Deus. Estamos nós prontos com mãos limpas e corações puros, para uma acção corajosa, ou hesitantes e somente demasiados desejosos de esquivar-nos à responsabilidade? Muitas vezes pensamos: «Outros andam vagueando. Por que o não faço eu?» A nossa oração sincera devia ser: «Senhor ajuda-me a ser diferente na aparência e em actos.»

É muito fácil notar uma verdadeira jovem adventista numa multidão. Ela pa-

rece diferente, porque aprendeu a cultivar a beleza e a atracção naturais, sem os efeitos prejudiciais de fabricação artificial. Um mancebo adventista também é imediatamente identificado pela sua conduta séria e serviço jovial em favor dos outros. Ambos sentem que estão empenhados numa missão celeste «para tal tempo como este.»

Quando Jesus estava na terra Ele sempre se destacava da multidão. Ele tinha uma missão especial e sentia a sua importância em cada instante. Numa ocasião, quando os discípulos queriam parar e tomar tempo para uma refeição descansadamente, Cristo disse-lhes: «A minha comida é fazer a vontade d'Aquele que me enviou, e realizar a Sua obra» (João 4:34). Não era por que Cristo não desejasse que os Seus discípulos tomassem uma boa refeição que falou estas palavras. Ele sentiu que eles levavam as coisas muito à vontade na presença duma missão urgente que devia ser cumprida.

O Sacrifício Supremo

Era no pino do inverno, na Suíça, quando um «Constellation», das linhas aéreas saído de Roma em direcção a Genebra, comunicava pela rádio que tudo ia bem e que dentro de cinco minutos esperava instruções de aterragem. O piloto, devido a um erro de navegação, não reparou que voava a toda a velocidade direito ao pico mais alto da Europa, o Monte Branco. Num momento a voz do piloto emudeceu. A notícia foi expedida pela rádio que talvez ainda houvesse sobreviventes no pico. Mas como poderiam ser socorridos numa tal tempestade?

Numa pequena *cabine* no sopé do monte, um grupo de jovens desportistas acabava de tomar a última refeição, quando abriram o rádio para as notícias. Souberam então do desastre e ouviram o apelo «poderá haver sobreviventes mas como alcançá-los?» Um dos guias de montanha que estava à mesa, levantou-se e disse aos seus amigos: «Partamos rapazes, temos um trabalho a fazer.» A aparelhagem de alpinismo foi amarrada e ei-los partindo pela noite escura. Ao amanhecer o chefe-guia foi morto por uma avalanche, quando se esforçava por subir. Ele pagou o supremo sacrifício pelos outros. Os seus amigos continuaram e cumpriram a sua missão e o seu feito heróico não será es-

quecido tão cedo. Estes homens compreenderam que as coisas materiais não contam quando a vida está em jogo.

Jesus veio a este mundo para levar a efeito a maior obra salvadora de que há conhecimento. Os discípulos muitas vezes estavam comovidos perante o poder de Deus manifestado em Jesus. Eles estavam também constantemente procurando como obter este poder milagroso nas suas vidas. Jesus sentiu prazer em revelar-lhes este segredo. Era muito simples. «Eu faço sempre o que Lhe agrada» (João 8:29). Não encontramos nenhum texto na Bíblia em que Jesus procurasse agradar-se antes a si do que a Seu Pai Celeste. O serviço de todo o coração pelos outros, de harmonia com o plano de Seu Pai para a salvação da humanidade, era o objectivo e a missão de Cristo aqui nesta terra. O modo moderno é servir-se a si mesmo e procurar a aprovação dos outros para os seus actos de todos os dias. Pela influência de Satanás as pessoas são levadas a pensar cada vez menos em como possam agradar a Cristo e cada vez mais em como possam agradar-se a si mesmos.

É uma verdade muito estranha que «o inimigo que mais carecemos temer é o próprio eu.» — *Ciência do Bom Viver*, p. 433. O maior herói militar da história nunca tomou parte em batalhas mais importantes do que a que está hoje diante do povo de Deus. «A guerra contra o eu é a maior batalha que jamais se travou. A entrega do eu, rendendo tudo à vontade de Deus, e o ser-se vestido de humildade, possuindo esse amor que é puro, pacífico, tratável, cheio de bondade e de bons frutos, não é de fácil aquisição... A alma deve submeter-se a Deus antes de poder ser renovada no conhecimento e na verdadeira santidade. A vida e carácter santos de Cristo são um exemplo fiel... A Sua obediência e submissão eram genuínas e perfeitas. Ele não veio para ser servido, mas para servir os outros. Ele não veio para fazer a Sua própria vontade, mas a vontade d'Aquêle que o enviou. Em todas as coisas se submeteu Àquêle que julga com justiça. Dos lábios do Salvador do mundo foram ouvidas estas palavras: «De mim mesmo não posso fazer coisa alguma» (*Test.*, v. 3, pp. 106, 107).

Naquele maravilhoso livro *Mensagens aos Jovens*, página 202, vemos a verdadeira missão que Deus entende que Seus jovens servos cumpram. Deles é a missão que ninguém mais pode realizar. «Satanás

é um inimigo vigilante, atento ao seu desígnio de dirigir a juventude num modo de proceder inteiramente contrário ao que Deus aprovaria. Ele bem sabe não haver outra classe que, como mancebos e meninas consagradas a Deus, possa fazer tanto bem. A juventude, quando recta, pode exercer poderosa influência. Pregadores ou leigos de idade avançada não podem ter, sobre a juventude, metade da influência que os jovens consagrados têm sobre os seus companheiros. Estes deveriam sentir a responsabilidade que sobre eles pesa para tudo fazerem por salvar seus mortais semelhantes, mesmo com sacrifício dos seus prazeres e desejos naturais... Os que provaram as doçuras do amor remidor não repousarão, nem poderão fazê-lo, sem que todos com quem mantêm relações tenham entrado em contacto com o plano da salvação.»

Por todo o mundo Deus está procurando juventude que está mais ansiosa por ter a aprovação de Deus do que os louvores dos homens. Neste momento quase a terça parte dum milhão de Missionários Voluntários, em todas as partes do mundo, está sendo chamada às fileiras do seu Capitão, Jesus Cristo. Sua é uma missão especial para este tempo que ninguém mais pode cumprir. A vitalidade adventista, para levar esta mensagem de esperança a todos os continentes e à última ilha dos mares, depende da consagração espiritual deste exército da juventude.

Fuzilado ao Nascer do Sol

Recentemente, um mancebo foi trazido diante dum poletão executor na Europa para ser fuzilado ao nascer do sol. Ele era um jovem adventista do sétimo dia que havia escolhido antes ser fuzilado do que sacrificar os princípios. Ele tinha sido uma verdadeira testemunha da Esperança do Advento, que era tão ternamente acariciada dentro do seu coração. Agora havia sido condenado à morte. Num madrugada fria de inverno, ele foi conduzido para fora dos muros da prisão. Depois, no último momento, uma tentativa foi feita pelo oficial de serviço para persuadi-lo a abandonar a sua fé. A sua única resposta foi: «Como posso eu renegar ao meu Senhor que deu a Sua vida por mim.» O oficial então ordenou ao poletão de levantar as armas e disparar. A descarga soou dentro da brisa fresca e o

mancebo não caiu por terra. Ainda outra descarga soou, mas o mancebo de olhos vendados permaneceu confiante e calmo. Foi neste momento que o oficial em chefe avançou e disse: «Basta, tirem-lhe a venda e tragam-no ao gabinete.»

Quando o nosso irmão foi trazido perante o seu comandante, a todos os outros foi ordenado sair da sala. O pensamento passou pelo seu cérebro: «Que quer isto tudo dizer? Certamente vão de novo exercer pressão sobre mim.» Então o comandante falou e disse: «Mancebo, acabou a prova. Quero-o para meu ajudante pessoal. Nunca foi minha intenção vê-lo morto diante da descarga desta manhã pelo pelotão. Disse aos executores que tivessem a certeza de descarregar por cima da cabeça. Eu desejava justamente ver se tinha a força moral de permanecer firme pela sua fé em face da morte. Passou a prova e é justamente o homem de que necessito.» Mais uma vez a moderna juventude adventista aferida pelo padrão de Ester: «Perecendo, perego.»

Tal heroísmo, mesmo em 1954, não acontece simplesmente como resultado dum desejo pessoal de fazer alguma coisa de grande e de coragem ou, como hoje diríamos: «Representar». Não, qualquer coisa muito mais importante do que justamente este simples desejo é necessário.

Um pai trouxe o seu filho aos discípulos para o curarem, mas, devido à sua incredulidade, não o puderam fazer. O rapaz, deitado no chão, contorcia-se com dores. Jesus chegou nesse momento e o pai supplicava-lhe na sua última esperança na cura do filho. Jesus não o desapontou. Honrou a sua fé e o seu filho foi curado. A mais grave pergunta que neste momento surgiu na mente dos discípulos foi: «Por que não o pudemos expulsar?», referindo-se ao espírito mau que havia tomado posse da vida do rapaz. «E Jesus lhes disse: «Por causa da vossa pouca fé; porque em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá — e há-de passar; e nada vos será impossível. Mas esta casta de demónios não se expulsa senão pela oração e pelo jejum» (Mat. 17:19-21).

Oração e Jejum

Durante esta semana de oração seria bom para nós considerarmos cuidadosa-

mente a verdadeira significação da oração e jejum na vida cristã. «A oração é a respiração da alma. É o segredo do poder espiritual.» (*Mensagens aos Jovens*, p. 247). É justamente neste tempo que cada filho de Deus necessita compreender que a vitória final pode ser obtida somente pelo contacto diário em oração com o nosso Criador. Nenhum mancebo ou menina pode vencer a batalha contra a tentação sem todas as manhãs procurar a direcção e força do nosso Pai Celeste. Mas alguém pode fazer a pergunta: «Por que devemos orar? Por que devemos jejuar?»

Quando alguém jejua conscientemente, compreendemos que está pondo simplesmente Deus em primeiro lugar na sua vida. Ele está tão ocupado em realizar o plano de Deus, e a procurar a direcção de cima, que os desejos pessoais tornam-se sem importância. O jejuar em si não faz uma pessoa mais santa nem melhor, contudo, quando uma pessoa voluntariamente põe de parte certo tempo, para jejum e oração, a sua mente torna-se mais clara e está mais bem preparada, com o auxílio de Deus, para resolver os mais importantes problemas da vida. Quando Ester decidiu aceitar a situação imposta para esse momento, ela sabia que o tempo tinha chegado para a oração e jejum. Ela pediu ao povo de Deus de se unir a ela e então prometeu-lhe que ela e suas moças não comeriam nem beberiam durante três dias, nem de noite nem de dia: «E eu e as minhas moças também assim jejuaremos» (Ester 4:16). A atitude da jovem rainha aqui significava que estava determinada a procurar primeiro o reino de Deus. As primeiras coisas a atender em primeiro lugar e nenhum esforço seria poupado a fim de obter a vitória.

Quando Daniel compreendeu que as forças do mal se tinham alinhado contra ele e que o rei havia assinado o decreto que o lançaria na cova dos leões, ele não desistiu nem se desanimou. Calmamente foi para casa como de costume e ajoelhou-se para orar, «e dava graças diante de seu Deus, como também antes costumava fazer.» Daniel estava acostumado desde jovem a vencer as batalhas da vida pela oração. Esta não fora a primeira experiência. Quando ele era jovem, ele e os seus companheiros, foram tentados a deixar os seus princípios de alimentação higiênica. Também haviam sido tentados a inclinarem-se perante o poder humano em

vez de obedecerem aos mandamentos de Deus. Em cada prova saíram vitoriosos, porque puseram Deus em primeiro lugar nas suas vidas. Foram recompensados na sua perseverança e zelo, pelo libertamento pessoal da fornalha ardente, por intervenção do próprio Cristo.

Se não fosse a fidelidade de Ester, ou a coragem de Daniel e dos seus companheiros nos dias da sua mocidade, certamente nós hoje não teríamos as suas histórias na Escritura Sagrada. Eles suportaram a prova no seu tempo. Daniel olhou para os nossos dias e viu que esta seria a última hora da história da terra. Ele viu os acontecimentos trágicos e impressionantes que vão dar-se na ocasião da segunda vinda de Cristo, quando Deus vai estabelecer um reino «que não será jamais

destruído.» (Daniel 2:44). No seu capítulo doze vemos que Daniel estava bem informado sobre os últimos acontecimentos da história do mundo, quando Micael se levantará e haverá um tempo de angústia como nunca houve. Mas ele também viu o dia do libertamento. «Mas naquele tempo livrar-se-á o teu povo, todo aquele que se achar escrito no livro.» Daniel sabia que esta acção não podia dar-se sem a juventude ganhadora de almas. «Os entendidos pois resplandecerão, como o esplendor do firmamento; e os que a muitos ensinam a justiça refulgirão como as estrelas sempre e eternamente» (Daniel 12:3).

Juventude adventista, levanta-te e resplandece! Fostes chamados para o reino «para tal tempo como este.»

(Leitura para Sábado, 20 de Novembro de 1954)

Consagração activa

Por ELLEN G. WHITE

Deus escolheu para Si um povo e deu-lhe o nome de cristão. É este um nome real dado àqueles que se unirem a Cristo.

Deus espera daqueles que têm o nome de Cristo de representá-lo em pensamento, palavra e obra. Os seus pensamentos devem ser puros e as suas palavras e acções nobres e elevadas, atraindo aqueles que os rodeiam para mais perto do Salvador.

Na vida do verdadeiro cristão não há nada do *eu*. O *eu* está morto. Não havia nenhum egoísmo na vida que Cristo viveu aqui na terra. Possuindo a nossa natureza, Ele viveu uma vida inteiramente consagrada ao serviço dos outros...

Num sentido especial, os Adventistas do Sétimo Dia foram colocados neste mundo como atalaias e porta-luzes. Foi-lhes confiada a última mensagem de misericórdia a um mundo que perece. Sobre eles brilha maravilhosamente a luz da Palavra de Deus. Que espécie de pessoas então devem ser?

As nossas vidas deviam mostrar um desenvolvimento espiritual seguro. Tenho visto, porém, aquilo que me faz estreme-

cer — homens e mulheres anões de carácter, possuindo a Palavra de Deus, que lhes diz o que devem fazer a fim de serem salvos, e, contudo, sem santificação e impuros. Não são beneficiados pela força provida para todo o cristão, porque recusam ser semelhantes a Cristo (1).

Revelando a Consagração pelas Palavras

Ao pretendermos ser cristãos, estamos sob a solene obrigação de revelar a verdade da nossa profissão pelas nossas palavras. A língua é pequeno membro; mas que quantidade de bem pode realizar se o coração é puro! Se o coração encerra boas coisas, se encerra, à semelhança de Cristo, ternura, simpatia e delicadeza, isto revelar-se-á pelas palavras faladas e actos realizados. A luz que brilha da Palavra de Deus é o nosso guia. Nada enfraquece mais uma igreja do que o mau uso do talento da palavra. Desonramos o nosso Chefe quando as nossas palavras não são

aqueilas que deviam sair dos lábios dum cristão.

«Operai a vossa própria salvação com temor e tremor. Porque é Deus que opera em vós tanto o querer como o efectuar, segundo a Sua boa vontade» (Fil. 2:12, 13). A qualidade das nossas obras mostram-se pelas nossas palavras. Quando as nossas palavras e obras se harmonizam em Cristo, mostramos que estamos consagrados a Deus, aperfeiçoando a santidade no Seu temor. Ao entregarmo-nos, corpo, alma e espírito, a Deus, Ele opera em nós tanto o querer como o efectuar, segundo a Sua boa vontade.

O amor de Cristo no coração é revelado pela expressão de louvor. Os que estão consagrados a Deus, mostrá-lo-ão pela sua conversação santificada. Se os seus corações são puros, as suas palavras serão puras, mostrando um princípio elevado que opera uma direcção santificada. A mente estará absorvida numa santa contemplação e haverá uma sensação da presença de Deus (2).

Canais de Amor e de Misericórdia

É o propósito de Deus glorificar-se no Seu povo perante o mundo. Ele anseia por fazê-lo canal pelo qual Ele possa derramar o Seu amor e misericórdia infinitos. Mas somos nós o que Deus desejava que fôssemos? — Não, não somos. Os membros das nossas igrejas em todos os lugares precisam de examinar-se cuidadosamente e entregar a Deus as suas vidas sem reserva. Necessitam compreender os dons oferecidos do céu e viver o seu amor e gratidão. Se fizerem isso, considerarão o tempo demasiado precioso para o empregar na crítica e no procurar faltas nos outros. Quando o povo de Deus introduz na sua vida diária a justiça de Cristo, pecadores convertem-se e vitórias serão ganhas sobre o inimigo.

Subamos ao auxílio do Senhor, ao auxílio do Senhor contra as potestades das trevas. Satanás está trabalhando intensamente no propósito de escravizar e destruir as almas. Tomemos uma firme posição contra ele. Aquele que está inteiramente consagrado ao serviço de Deus, se tornará forte para o combate. Ele será fortalecido com «grande poder». Aquele que sente a sua fraqueza e luta com Deus,

como fez Jacob, dizendo: «Não Te deixarei ir, se me não abençoares», sairá com fresca unção do Espírito Santo. A atmosfera do céu o envolverá. Ele andará fazendo bem. A sua influência será uma força positiva em favor da religião cristã.

Deus chama porta-luzes, que encham o mundo de luz, de paz e de alegria que vêm de Cristo. Ele chama homens humildes, homens que tenham a sensação da sua fraqueza, e que se lembrem do que o serviço de Deus pede deles — a propriedade da palavra e da acção que mostra o poder da graça de Cristo. Tais revelarão nas suas vidas as virtudes do carácter de Cristo.

Devia haver uma operação da graça mais profunda nos corações do povo de Deus. Menos do *eu* e mais de Cristo, deve ser notado. Provações mais intensas e severas virão a todos. A religião da Bíblia deve estar interlacada com o que nós fazemos e dizemos. Cada transacção comercial deve ser flagrante com a presença de Deus (3).

Cumprindo Obrigações de Família

A Palavra de Deus deve ser a nossa regra na maneira de conduzir os nossos assuntos de família; e nem a rabugice das crianças, nem os muitos afazeres, deviam ser tomados como desculpa para deixarmos de seguir o conselho de Deus. Que os pais sejam um digno exemplo para os seus filhos na piedade pessoal, honrando a casa de Deus e respeitando os cultos. A falta de religião do lar é sentida em todos os ramos da obra de Deus e a necessidade de cultivar a piedade pessoal no lar devia ser apresentada constantemente diante da igreja. Os membros devem ser instruídos, mandamento sobre mandamento, regra sobre regra, para que todos cujos nomes se encontram nos registos das igrejas possam ouvir e obedecer à Palavra de Deus. Os pais não podem educar justamente os seus filhos a não ser que aprendam como cooperar com o Senhor no Seu trabalho sobre o coração. A primeira coisa essencial na educação da vossa família no temor de Deus, é a consagração de vós próprios e de vossos bens a Deus. Que os pais comecem esse trabalho do coração, porque do coração procedem os caminhos da vida (4).

Ao Encontro das Necessidades do Mundo

A maior necessidade do mundo é o esforço consagrado para a salvação das almas. Cristo deseja, com a plenitude do Seu poder para fortalecer o Seu povo, que por ele todo o mundo seja envolvido na atmosfera da graça. Quando o Seu povo fizer uma entrega completa de si mesmo a Deus, andando diante d'Ele com humildade e fé, Ele levará a efeito, por seu intermédio, o Seu eterno propósito, habilitando-o a operar harmoniosamente no dar ao mundo a verdade como se encontra em Jesus. Ele empregará a todos, homens, mulheres e crianças, ao fazer brilhar a luz no mundo, chamando a Si um povo que seja fiel aos Seus mandamentos.

«Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho Unigénito para que todo aquele que n'Ele crê não pereça mas tenha a vida eterna.» A salvação das almas foi o grande objectivo pelo qual Cristo sacrificou as Suas vestes e coroa reais, a glória do céu, a homenagem dos anjos, o despojamento da sua divindade, e veio à terra para trabalhar e sofrer com a humanidade em Si. Aquele que foi transformado à semelhança de Cristo, que é animado do espírito do grande Obreiro Missionário, está cheio do desejo de levar as boas novas de salvação às regiões de além, aos que não conhecem o Salvador. À hora de salvação de almas ele consagra o tempo, forças, meios e influência. Ele emprega todas as parcelas da sua capacidade no esforço de ganhar almas para Cristo. O sacrifício feito na cruz do Calvário é o motivo que o inspira a dispender incansáveis esforços e a mostrar um zelo infatigável. A sua determinação é «Eu não desistirei nem me deixarei desanimar». Pela sua vida consistente ele atrairá aqueles que o rodeiam ao Salvador (5).

O tempo é precioso. O destino das almas está na balança. Deus está retendo os Seus juízos, esperando que a mensagem tenha sido proclamada a todos. Há muitos que ainda não ouviram a mensagem probante da verdade para este tempo. A última chamada de misericórdia tem de ser anunciada por toda a terra. Anjos celestes têm há muito esperado por agentes humanos, os membros da igreja, para cooperarem com eles na grande obra a realizar. Estão esperando por vós. Tão vasto é o campo, tão compreensível o de-

signio, que cada coração santificado será constrangido a servir como agente do poder divino.

A um preço infinito o caminho da salvação foi consumado. Terá sido em vão o grande sacrifício de Cristo? Será a terra inteiramente dirigida pelas agências satânicas? A salvação das almas está dependente da consagração e da actividade dos membros da igreja de Deus. Deus faz a Sua chamada sobre aqueles que crêem n'Ele para serem obreiros com Ele. Enquanto durar a sua vida, não devem sentir que a sua obra está terminada. Até que chegue o momento em que Cristo diga: «Está consumado», a obra de salvar almas não diminuirá mas aumentará em importância. Mil vezes mais trabalho para Deus podia ser realizado se todos os Seus filhos se consagrassem inteiramente a Ele. Se aproveitassem todas as oportunidades para fazer bem, portas se abririam diante deles. Seriam chamados a tomar maiores responsabilidades.

A mesma devoção, o mesmo espírito de sacrifício, a mesma sujeição às exigências da Palavra de Deus que se manifestaram na vida de Cristo, se devem patentear nas vidas dos Seus servos. Ele deixou a Sua casa de paz e segurança, deixou a glória que tinha com o Pai, deixou a Sua posição no trono do universo. Ele saiu a sofrer, a ser tentado, saiu da solidão, para semear com lágrimas e regar com o Seu sangue a semente da vida por um mundo perdido.

Na mesma maneira os Seus servos devem sair a semear. A mensagem de aviso deve ser levada a todas as partes do mundo (6).

Uma Chamada à Consagração

Deus não aceita nada menos do que uma rendição sem reserva. Cristãos de coração dividido e pecadores nunca poderão entrar nos céus. Ali nunca encontrariam nenhuma felicidade; porque não conhecem nada dos elevados e santos princípios que dirigem os membros da família real (7).

Consagrai-vos inteiramente à obra de Deus. Ele é a vossa força, e Ele estará à vossa mão direita, ajudando-vos a realizar os Seus desígnios de misericórdia. Por meio de trabalho pessoal alcançai aqueles que vos rodeiam. Somente pregar não fará o trabalho que necessita ser feito. Um trabalho perfeito não pode ser feito por

procuração. Dinheiro emprestado ou dado não realizará tudo que deve ser feito. Visitando as pessoas, falando, orando, mostrando simpatia ganhareis os corações. Este é o mais elevado trabalho que possais fazer. Para o fazer necessitais de resolução, fé perseverante, paciência infatigável e um profundo amor pelas almas...

Cada manhã consagrai-vos a vós mesmos e a vossos filhos a Deus para esse dia. Não façais cálculos para meses ou anos; eles não vos pertencem. Apenas um dia vos é dado. Como se ele fosse o vosso último dia na terra trabalhai durante as suas horas para o Mestre. Ponde todos os vossos planos diante de Deus para serem realizados ou abandonados, conforme a Sua providência indicar. Aceitai os Seus planos em vez dos vossos próprios, ainda que a sua aceitação requeira o abandono de projectos acariciados. Assim a vida será moldada mais e mais segundo o divino modelo; e «a paz de Deus, que ultrapassa todo o entendimento, guarde os vossos corações e mentes em Cristo Jesus» (8).

O verdadeiro cristão conserva as janelas da alma abertas para o céu. Ele vive em comunhão com Cristo. A sua vontade está de harmonia com a vontade de Cristo. O seu mais elevado desejo é tornar-se cada vez mais semelhante a Cristo, para que possa dizer com Paulo: «Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, O qual me amou, e se entregou a Si mesmo por mim...»

A santidade é um constante acordo com Deus. Não lutaremos por ser o que Cristo tanto deseja que nós sejamos — Cristãos

«Orar é abrir o coração a Deus como a um amigo. Não que seja necessário para informar Deus acerca do que somos; mas para nos habilitar a recebê-lo. A oração não faz baixar Deus até nós; mas eleva-nos até Ele.» — *Aos Pés de Cristo*, p. 142.

em obra e em verdade — para que o mundo possa ver em nossas vidas uma revelação do poder salvador da verdade? Este mundo é a nossa escola preparatória. Enquanto aqui estivermos, encontraremos provações e dificuldades. Continuamente o inimigo de Deus procurará afastar-nos da nossa obediência. Mas enquanto nos unirmos a Ele que se entregou por nós, estamos salvos. Todo o mundo foi reunido nos braços de Cristo. Ele morreu na cruz para destruir aquele que tinha o poder da morte e para tirar o pecado de toda a alma crente. Ele convida-nos a oferecer-nos sobre o altar do serviço, um sacrifício vivo e constante (9).

Cristo está passando a revista à Sua igreja. Quantos há cuja vida religiosa é a sua própria condenação!... Se todos os cristãos tivessem sido verdadeiros no compromisso tomado ao aceitarem Cristo, muitos no mundo não teriam sido deixados a perecer nos seus pecados. Quem responderá pelas almas que foram para a sepultura sem estarem preparadas para encontrarem o Seu Senhor? Cristo ofereceu-se como um sacrifício completo em nosso favor. Quão fervorosamente Ele trabalhou para salvar o pecador! Quão infatigáveis eram os Seus esforços a fim de preparar os Seus discípulos para o serviço! Mas quão pouco nós temos feito! E a influência do pouco que temos feito tem sido terrivelmente enfraquecido pelo efeito neutralizador do que deixámos por fazer, ou empreendido mas nunca completado, e pelos nossos hábitos de inqualificável indiferença. Quanto nós temos perdido por deixar de perseverar na realização da nossa obra dada por Deus! Como cristãos professos devíamos estar allarmados com a perspectiva (10).

Jesus colocou um sinal de honra sobre a raça humana; porque Ele disse: «Mas a todos quantos o receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; aos que crêem no Seu nome.» Não entregaremos a Cristo o que Ele remiu ao morrer? Se fizerdes isso, Ele despertará a vossa consciência, renovará os vossos corações, santificará as vossas afeições, purificará os vossos pensamentos e porá todas as vossas forças ao Seu serviço. Cada motivo, e cada pensamento serão trazidos cativos a Jesus Cristo (11).

Acordai, meus irmãos e minhas irmãs. Há grande trabalho a realizar. Reclama-se uma actividade incessante. As trevas cobriram a terra, e grande obscuridade

os povos. Muitos andam longe de Cristo, vagueando no deserto do pecado. São estranhos ao concerto da promessa. Deus convida o Seu povo a acordar, a sacudir a sua descuidada indiferença, e a pegar no trabalho que o espera no seio da família. Depois, que ele vá para além das suas famílias procurar os outros que necessitam de auxílio. Deus convida-o a tomar o seu trabalho há muito negligenciado. Que comungue com Ele, para que seja imbuído do Seu Espírito. Em seguida que ele saia a transmitir aos que necessitam a graça que d'Ele recebeu ⁽¹²⁾.

(10) Id., Dez. 30, 1902.

(11) Id., Nov. 24, 1896.

(12) Id., Dez. 30, 1902.

(1) *Review and Herald*, Nov. 23, 1905.

(2) Id., Jan. 18, 1898.

(3) Id., Nov. 23, 1905.

(4) Id., Março 14, 1893.

(5) Id., Nov. 21, 1907.

(6) Id., Nov. 23, 1905.

(7) Id., Maio 16, 1907.

(8) Id., Nov. 21, 1907.

(9) Id., Maio 16, 1907.

REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO EXCLUSIVAMENTE RELIGIOSO
E DE INFORMAÇÃO DA IGREJA
ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

DIRECTOR: ERNESTO FERREIRA
ADMINISTRADOR: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, J. A. Esteves,
E. Ferreira, M. Lourinho, E. Miranda, S. Reis e
M. Miguel.

PUBLICAÇÃO MENSAL

Cont., Ilhas e Províncias Ultramarinas

Número avulso 1\$50
Assinatura anual 15\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.
32, RUA DAS PICOAS, 34 — LISBOA

«A menos que a igreja se ache agora a levedar-se com sua apostasia, se arrependa e se converta, ela comerá do fruto de seus próprios actos, até que se aborreça a si mesma. Quando ela resistir ao mal e escolher o bem, quando buscar a Deus com toda a humildade e alcançar sua alta vocação em Cristo, permanecendo na plataforma da verdade eterna, e pela fé lançar mão dos dons que para ela se acham preparados, então será curada. Aparecerá então na simplicidade e pureza que Deus lhe deu, separada de embaraços terrenos, mostrando que a verdade com efeito a libertou. Então seus membros serão na verdade os escolhidos de Deus, os Seus representantes.

«É chegado o tempo para se realizar uma reforma completa. Quando esta reforma começar, o espírito de oração actuará em cada crente e banirá da igreja o espírito de discórdia e luta. Os que não têm estado a viver em comunhão cristã, chegar-se-ão mutuamente em íntimo contacto. Um membro que trabalhe de maneira devida levará outros membros a unir-se-lhes em súplicas pela revelação do Espírito Santo. Não haverá confusão, pois todos estarão em harmonia com o Espírito. As barreiras que separam um membro de outro, serão derribadas, e os servos de Deus falarão as mesmas coisas. O Senhor cooperará com os Seus servos. Todos orarão com entendimento a prece que Cristo ensinou aos Seus servos: «Venha o Teu reino, seja feita a Tua vontade, assim na Terra como no Céu.» (Mat. 6:10). — Testemunhos Selectos, pp. 138, 139.